

Projeto:

SaciArte

Festas e Tradições do Brasil



"Formiguinhas do Vale"

Festas e Tradições no Brasil

"Formiguinhas do Vale"

Festas Populares

- Casamento na Roça
 - Ano Bom
 - O Carnaval
- A Festa do Divino
- A Noite de Natal
- A Véspera de Reis
- A Procissão de S. Benedito do Lagarto
 - A Véspera de S. João
 - O 2 de julho
 - O Entrudo
 - O 7 de Setembro
 - A Festa da Penha
 - Os cucumbis
 - A Véspera de S. João
 - Reisados e Cheganças
 - Vaquejadas e Cavalhadas
 - Congadas e Moçambiques

Ano Bom

Entre todos os povos, dos mais civilizados aos mais selvagens, as festas do primeiro do ano celebravam-se, passando apenas pelas modificações próprias ao desenvolvimento de cada culto e à índole de novas raças.

Tão alto quanto possam remontar os monumentos históricos, as encontramos, não sendo excluídos, como participantes desses regozijos religiosos e profanos, o negro da África e o caboclo da América.

Dos romanos, que por sua vez já haviam recebido dos gregos a tradição, os primitivos cristãos perpetuaram o legado pagão das celebrações do Ano Novo, colorindo-o dos reflexos místicos dos vidros pintados de suas cate-drais.

Entre as civilizações mais apuradas e as mais bárbaras, como dissemos, essas festas encontram-se nas mitologi-as nacionais, tendo como objetivo as congratulações populares de volta da primavera ou a glorificação da lavou-ra.

Os primeiros sintomas de assimilação nos tempos modernos registram-nos às calendas de janeiro, fulminadas por Santo Agostinho e São João Crisóstomo, que se revoltaram contra as crenças romanas adotadas pelos cris-tãos, vindo logo abusa Festa dos Loucos e a dos Inocentes ludibriar do anátema dos santos padres.

Durante as ruidosas festas da primavera, isto é, da abundância e da colheita, os presentes agrícolas trocavam-se, a família e depois as tribos reuniam-se, os sacrifícios, as danças, os festins, as cerimônias propiciatórias tinham lugar, provindo daí, para os povos modernos, os presentes de festas, as visitas, os folguedos, as abusões, as congratulações públicas de Ano Bom.

A idade Média, porém, que tudo via através de preocupações ascéticas, desviou-lhe as correntes astroláticas, incluindo-as no calendário de Natal, com outras pompas e outros ideais.

Deste ou daquele modo, o certo é que as festas de Ano Bom não pertencem a este ou aquele povo, mas à huma-nidade inteira.

Em todos os países da Europa, esses festejos intercalam-se aos do Natal e de Reis, formando um todo a que os ingleses chamam de *Christmas*.

Na Inglaterra ou na Alemanha, na França ou na Itália, o nacionalismo pátrio transluz nessas manifestações alen-tando velhos costumes, cujas fórmulas jamais se apagaram da lembrança popular.

E não há festas mais belas em qualquer desses países; não há horas mais alegres naqueles lares; não há orgulho mais legitimamente sentido por aquelas turbas, do que percebendo palpitar debaixo das formas da arte as suas antigas lendas e os seus cantos, constituindo a base das representações teatrais do Natal.

Juntai a isso os presentes, as surpresas, as visitas, as felicitações, o aconchego da família, o beijo improfanado sob a rama verde dos tetos, e tereis, com uma centena de coisas mais, as despedidas do ano velho e as entradas do Ano Novo.

Esses costumes seculares, de que damos testemunho, ainda perduram em toda a Europa.

Mas o Brasil é um país *adiantado*; acha ridículas as tradições e desfaz-se delas; absolvendo os demais povos dessas futilidades que *envergonham*, e trata de encobri-las e mostra-se sério...

Noutro tempo não era assim.

No Rio de Janeiro a folia começava de véspera. A cidade, mais animada exteriormente pelo concurso de famílias e de indivíduos ambulantes, revelava o júbilo público, que se ostentava sem reserva.

Em qualquer praça, em qualquer rua, quem olhasse as janelas, notaria fisionomias estranhas, caras novas, que pela maneira de apresentar-se, pela compostura, tornava-se distintas de muitas que lá estavam, apreciando o mesmo objeto, entretidas pelo mesmo assunto.

Nas intermináveis galerias de sacadas, janelas de peitoril e postigos, viam-se moças toucadas de flores naturais ao lado de algumas que não as tinham, homens vestidos de brim branco conversando com amigos trajados como para as recepções íntimas, velhas folgazãs e gritadeiras falando para as vizinhas de defronte, crianças traquinas e arrenegadas trepando nas grades de ferro das sacadas, suspendendo dos espigões as maçanetas de chumbo das extremidades, que, às vezes, lhes escapando das mãos, machucavam-lhes os pés.

CONTINUA

E o que eu queria dizer?

Eram as famílias que tinham chegado da roça para passar o Ano Bom com os parentes, convidando-os para a Véspera de São João em seus sítios e fazendas.

Aquelas cujas relações não iam além da corte, reuniam-se igualmente, completando o aspecto pitoresco dessa cena, mais ou menos populosa, segundo os tempos em que esses costumes eram de rigor.

Com antecedência, já os presentes de festas principiavam a chover, e a escravatura a fazer-se interessada na felicidade de seus senhores.

E as tradições consolidavam as bases da família, e o reinado das superstições iluminava-se da esperança.

O dia de Ano Bom era a época em que os membros de uma mesma família congregavam-se. Vindo por vezes de grandes distâncias, passavam juntos, no meio do prazer e das felicitações, até depois de Reis.

Para despontar o Ano Novo, ninguém dormia antes da meia-noite, pois era da crença popular, que quem se conservasse com os olhos abertos até depois daquela hora, veria romper a aurora do ano seguinte.

Então concluídas as magníficas ceias, as cantorias ao Menino em seu presepe, no fim da pilhérias dos velhos matutos, de diálogos extravagantes, os inocentes namoros ferviam nas salas, ao diapásão do barulho dos pratos que se lavavam nas cozinhas, das rascadas das senhoras com as negras, do ressonar dos meninos estirados nos sofás e nas cadeiras da sala da frente, à espera do Ano-Novo.

Quando o relógio batia meia-noite, uma onda barulhosa de alegria espalhava-se pela assembléia, ao passo que as mucamas, os molecotes, as crias em fraldas de camisas, penduravam-se às sacadinhas da escada que deitava para o quintal, pasmados de nada descobrir, mas com os olhares fitos nas trevas que amortalhavam o Ano Velho.

- Boas saídas e melhores entradas! Diziam os pais aos filhos, as irmãs aos irmãos, os parentes e amigos entre si, abraçando-se, beijando-se, saltando de contentamento.

Nas casas em que havia bailes, o mesmo costume coroava a tradição, aos sons da música, ao brilho das serpentinhas faiscentes, aos risos que corriam límpidos de uns lábios de rosa.

Isso, porém, que prolongava a festa, mudava completamente no dia primeiro. Da manhã à tarde, as visitas faziam-se, desfilavam numerosos portadores de presentes, sendo de preferência contemplados, nas freguesias, o vigário, os médicos e o fiscal.

As bandas militares tocavam às portas e nos saguões das casa dos generais, dos ministros, das pessoas gradas, dando as boas festas; compensando-lhes a atenção alguma cédula avultada ou peças de dinheiro em ouro.

Enquanto nos armazéns de comestíveis o comércio encaixotava dúzias de garrafas de vinho, acondicionava queijos do reino, presuntos, caixas de figos e ameixas, diversos gêneros destinados aos fregueses do ano; enquanto do convento da Ajuda; riquíssimas bandejas de prata, com a firma do indivíduo presenteado, armada de doces, saíam umas após as outras; era curioso de ver-se o que passava nas ruas, entretendo os abelhudos que comentavam dos sobrados.

Por toda parte encontravam-se negros do ganho, de camisa de algodão por fora da calça arregaçada, conduzindo em cestos um leitão de barriga para cima, amarrado de pés e mãos com o focinho apertado com um barbante grosso, guinchando, acercado de galinhas, patos e marrecos, com a cabeça pendente nas beiradas do cesto e enfeitados nas asas com lacinhos de fita. Para contra-peso, o ganhador não deixava de levar um galo ou um peru na mão livre, também enfeitado de fitas estreitas, geralmente verde e azuis.

Ao presente era de praxe acompanhar um cartão de visita de ou uma carta, concebida mais ou menos nestes termos:

"...Boas saídas e melhores entradas lhe desejo. Incluso, encontrará vosmecê um leitãozinho, umas galinhas e um peru, para mais um prato do seu jantar..."

Aqui e além apreciam carregadores de caixotes de vinho ou com caixas de açúcar, criados de libré precedendo escravos enviados com dádivas principescas, tais como colchas da Índia, aparelhos da China, baixelas de prata, cavalos de montaria, fazendo contraste com a crioula ou mulata de casa menos rica, que seguia com um pão-de-ló, um bolo inglês, um pastelão numa salva modesta, coberta com uma gaze cor-de-rosa, com um tope de flores artificiais no centro, atravessado por um cartão ou um escrito.

Na Bahia, além de todas essas ofertas, estava nos hábitos darem-se escravos no dia de Ano Bom. Assim, com um molequinho, uma moleca, um casal de negros novos, obsequiava-se os meninos, as moças ou chefes de família.

CONTINUA

Naquela província, onde as cadeirinhas estiveram constantemente em uso como meio de transporte, não causava espanto entrarem por uma casa dois negros de casaca de portinholas com vivos amarelos ou vermelhos, de chapéu oleado com galão, calça curta e um pau ao ombro, acompanhando o portador de uma carta que se lia:

"...Como uma lembrança de Ano Bom, ofereço-lhe essa parelha de negros de cadeia, pedindo desculpa de não ser cousa suficiente..."

A isso não se limitavam os presentes. Pessoas havia que ofertavam casas e palácios. O paço de São Cristóvão foi um presente de Ano Bom, feito pelo negociante Elias Antonio Lopes a dom João VI, que o vendeu ao Estado, quando se retirou para Portugal.

"...Como uma lembrança de Ano Bom, ofereço-lhe essa parelha de negros de cadeia, pedindo desculpa de não ser cousa suficiente..."

A isso não se limitavam os presentes. Pessoas havia que ofertavam casas e palácios. O paço de São Cristóvão foi um presente de Ano Bom, feito pelo negociante Elias Antonio Lopes a dom João VI, que o vendeu ao Estado, quando se retirou para Portugal.

Considerava-se uma grande falta, um crime, a ausência dos parentes mais chegados no jantar da família. Ninguém relevava essa falta, pois acreditava o povo que o que se fazia no primeiro do ano, se faria o ano inteiro.

Daí se depreende que cada um queria estar nesse dia com os seus, que todos vestiam roupa nova, que se brincava, tocava e cantava, a fim de que o conceito popular se realizasse em sua plenitude pressagiosa.

Os escravos, que nunca foram estranhos às alegrias ou desgraças do nosso lar, ganhavam festas, tinham folga, divertiam-se também.

Por ocasião dos banquetes fidalgos ou dos jantares menos opulentos, ao calor dos brindes, ao alarido da canção:

Como canta o papagaio...

Como canta o periquito...

Os convivas entusiasmados proferiam longos discursos, os rapazes recitavam colcheias, as moças tímidas e vergonhosas abaixavam os olhos às palavras "amor", "meu bem", referendo a animação nas saúdes em honra ao mais velhos, à família reunida.

As visitas oficiais e as de amizade faziam-se imprescindíveis. Havia cortejos no paço, os presepes pernoitavam iluminados, e – boas entradas – boas festas – eram moeda corrente de civilidade entre a população.

Filipe de Sousa



A HISTÓRIA DO CARNAVAL

A comemoração grega que gerou a grande festa. Ver também [ENTRUDO](#)

O carnaval é uma festa que se originou na Grécia em meados dos anos 600 a 520 a.C.. Através dessa festa os gregos realizavam seus cultos em agradecimento aos deuses pela fertilidade do solo e pela produção. Posteriormente, os gregos e romanos inseriram bebidas e práticas sexuais na festa, tornando-a intolerável aos olhos da Igreja. Com o passar do tempo, o carnaval passou a ser uma comemoração adotada pela Igreja Católica, o que ocorreu de fato em 590 d.C. Até então, o carnaval era uma festa condenada pela Igreja por suas realizações em canto e dança que aos olhos cristãos eram atos pecaminosos.

A partir da adoção do carnaval por parte da Igreja, a festa passou a ser comemorada através de cultos oficiais, o que bania os “atos pecaminosos”. Tal modificação foi fortemente espantosa aos olhos do povo, já que fugia das reais origens da festa, como o festejo pela alegria e pelas conquistas.

Em 1545, durante o Concílio de Trento, o carnaval voltou a ser uma festa popular. Em aproximadamente 1723, o carnaval chegou ao Brasil sob influência européia. Ocorria através de desfiles de pessoas fantasiadas e mascaradas. Somente no século XIX que os blocos carnavalescos surgiram com carros decorados e pessoas fantasiadas da forma semelhante à de hoje.

A festa foi grandemente adotada pela população brasileira, o que tornou o carnaval uma das maiores comemorações do país. A esta favorável recepção, acrescentou-se as famosas marchinhas carnavalescas que incrementaram a festa e a fez crescer em quantidade de participantes e em qualidade.

Conceito e origem: O carnaval é um conjunto de festividades populares que ocorrem em diversos países e regiões católicas nos dias que antecedem o início da Quaresma, principalmente do domingo da Quinquagésima à chamada terça-feira gorda. Embora centrado no disfarce, na música, na dança e em gestos, a folia apresenta características distintas nas cidades em que se popularizou.



O termo carnaval é de origem incerta, embora seja encontrado já no latim medieval, como *carnem levare* ou *carnelevarium*, palavra dos séculos XI e XII, que significava a véspera da quarta-feira de cinzas, isto é, a hora em que começava a abstinência da carne durante os quarenta dias nos quais, no passado, os católicos eram proibidos pela igreja de comer carne.

A própria origem do carnaval é obscura. É possível que suas raízes se encontrem num festival religioso primitivo, pagão, que homenageava o início do Ano Novo e o ressurgimento da natureza, mas há quem diga que suas primeiras manifestações ocorreram na Roma dos césores, ligadas às famosas saturnálias, de caráter orgiaco. Contudo, o rei Momo é uma das formas de Dionísio — o deus Baco, patrono do vinho e do seu cultivo, e isto faz recuar a origem do carnaval para a Grécia arcaica, para os festejos que honravam a colheita. Sempre uma forma de comemorar, com muita alegria e desenvoltura, os atos de alimentar-se e beber, elementos indispensáveis à vida, por isso a figura gorda e alegre do “Rei Momo”.

Período de duração: Os dias exatos do início e fim da estação carnavalesca variam de acordo com as tradições nacionais e locais, e têm-se alterado no tempo. Assim, em Munique e na Baviera (Alemanha), ela começa na festa da Epifania, 6 de janeiro (dia dos Reis Magos), enquanto em Colônia e na Renânia, também na Alemanha, o carnaval começa às 11h11min do dia 11 de novembro (undécimo mês do ano). Na França, a celebração se restringe à terça-feira gorda e à mi-carême, quinta-feira da terceira semana da Quaresma. Nos Estados Unidos, festeja-se o carnaval principalmente de 6 de janeiro à terça-feira gorda (mardi-gras em francês, idioma dos primeiros colonizadores de Nova Orleans, na Louisiana), enquanto na Espanha a quarta-feira de cinzas se inclui no período momesco, como lembrança de uma fase em que esse dia não fazia parte da Quaresma. No Brasil, até a década de 1940, sobretudo no Rio de Janeiro, as festas pré-carnavalescas se iniciavam em outubro, na comemoração de N. Sra. da Penha, crescia durante a passagem de ano e atingia o auge nos quatro dias anteriores às Cinzas — sábado, domingo, segunda e terça-feira gorda. Hoje em dia, tanto em Recife (Pernambuco), quanto em Salvador (Bahia), o carnaval inclui a quarta-feira de cinzas e dias subseqüentes, chegando, por vezes, a incluir o sábado de Aleluia.

O CARNAVAL NO BRASIL

Carnaval no Brasil: Nem um décimo do povo participa hoje ativamente do carnaval— ao contrário do que ocorria em sua época de ouro, do fim do século XIX até a década de 1950. Entretanto, o carnaval brasileiro ainda é considerado um dos melhores do mundo, seja pelos turistas estrangeiros como por boa parte dos brasileiros, principalmente o público jovem que não alcançou a glória do carnaval verdadeiramente popular. Como declarou Luís da Câmara Cascudo, etnólogo, musicólogo e folclorista, "o carnaval de hoje é de desfile, carnaval assistido, paga-se para ver. O carnaval, digamos, de 1922 era compartilhado, dançado, pulado, gritado, catucado. Agora não é mais assim, é para ser visto".

CONTINUA

Entrudo: O entrudo, importado dos Açores, foi o precursor das festas de carnaval, trazido pelo colonizador português. Grosso, violento, imundo, constituiu a forma mais generalizada de brincar no período colonial e monárquico, mas também a mais popular. Consistia em lançar, sobre os outros foliões, baldes de água, esguichos de bisnagas e limões-de-cheiro (feitos ambos de cera), pó de cal (uma brutalidade, que poderia cegar as pessoas atingidas), vinagre, groselha ou vinho e até outros líquidos que estragavam roupas e sujavam ou tornavam malcheirosas as vítimas. Esta estupidez, porém, era tolerada pelo imperador Pedro II e foi praticada com entusiasmo, na Quinta da Boa Vista e em seus jardins, pela chamada nobreza... E foi livre até o aparecimento do lança-perfume, já no século XX, assim como do confete e da serpentina, trazidos da Europa.

O Zé-Pereira: Em todo o Brasil, mas sobretudo no Rio de Janeiro, havia o costume de se prestar homenagem galhofeira a notórios tipos populares de cada cidade ou vila do país durante os festejos de Momo. O mais famoso tipo carioca foi um sapateiro português, chamado José Nogueira de Azevedo Paredes. Segundo o historiador Vieira Fazenda, foi ele o introdutor, em 1846, do hábito de animar a folia ao som de zabumbas e tambores, em passeatas pelas ruas, como se fazia em sua terra. O zé-pereira cresceu de fama no fim do século XIX, quando o ator Vasques elogiou a barulhada encenando a comédia carnavalesca O Zé-Pereira, na qual propagava os versos que o zabumba cantava anualmente: E viva o Zé-Pereira/Pois que a ninguém faz mal./Viva a pagodeira/dos dias de Carnaval! A peça não passava de uma paródia de Les Pompiers de Nanterre, encenada em 1896. No início do século XX, por volta da segunda década, a percussão do zé-pereira cedeu a vez a outros instrumentos como o pandeiro, o tamborim, o reco-reco, a cuíca, o triângulo e as "frigideiras".

As fantasias: O uso de fantasias e máscaras teve, em todo o Brasil, mais de setenta anos de sucesso — de 1870 até início do decênio de 1950. Começou a declinar depois de 1930, quando encareceram os materiais para confeccionar as fantasias — fazendas e ornamentos —, sapatilhas, botinas, quepes, boinas, bonés etc. As roupas de disfarce, ou as fantasias que embelezaram rapazes e moças, foram aos poucos sendo reduzidas ao mais sumário possível, em nome da liberdade de movimentos e da fuga à insolação do período mais quente do ano.

E foram desaparecendo os disfarces mais famosos do tempo do império e início da república, como a caveira, o velho, o burro (com orelhões e tudo), o doutor, o morcego, diabinho e diabão, o pai João, a morte, o príncipe, o mandarim, o rajá, o marajá. E também fantasias clássicas da commedia dell'arte italiana, como dominó, pierrô, arlequim e colombine — de largo emprego entre foliões e que já não tinham razão de ser, depois que a polícia proibiu o uso de máscaras nos salões e nas ruas... Aliás, desde 1685 as máscaras ora eram proibidas, ora liberadas. E a proibição era séria, bastando dizer que as penas, já no século XVII, eram rigorosíssimas: um proclama do governador Duarte Teixeira Chaves mandava que negros e mulatos mascarados fossem chicoteados em praça pública, e brancos mascarados fossem degredados para a Colônia do Sacramento..

Mas, na década de 1930, muitas daquelas fantasias ainda eram utilizadas, inclusive com máscaras. Entre elas estavam as de apache, gigolô, gigolete, malandro (camiseta de listras horizontais, calça branca, chapéu de palhinha, lenço vermelho no pescoço), dama antiga, espanhola, camponesa, palhaço, tirolesa, havaiana, baiana. Aos poucos, os homens foram preferindo a calça branca e a camisa-esporte, até chegar à bermuda e ao busto nu, mas isso só depois da década de 1950; as mulheres passaram às fantasias mais leves, atingindo, depois, o maiô de duas peças e alguns colares de enfeite, logo o biquíni, o busto descoberto etc.

Bailes de carnaval: O carnaval europeu começou, na rua, com desfiles de disfarces e carros alegóricos; e, em ambiente fechado, com bailes, fantasias e máscaras. O carnaval carioca, certamente o primeiro do Brasil, surgiu em 1641, promovido pelo governador Salvador Correia de Sá e Benevides em homenagem ao rei Dom João IV, restaurador do trono de Portugal. A festa durou uma semana, do domingo de Páscoa em diante, com desfile de rua, combates, corridas, blocos de sujos e mascarados. Outro carnaval importante foi o de 1786, que coincidiu com as festas para comemorar o casamento de Dom João com a princesa Carlota Joaquina. Mas o primeiríssimo baile de máscaras aconteceu em 22 de janeiro de 1840, no hotel Itália, no largo do Rocio, no mesmo local em que se ergueria depois o teatro e depois cinema São José, na praça Tiradentes, no Rio. A entrada custava dois mil réis, com direito à ceia.

No entanto, a voga dos bailes carnavalescos em casas de espetáculos só se generalizou na década de 1870. Aderiram à moda o teatro Pedro II, o teatro Santana, e aí até os estabelecimentos populares entraram na dança, no Skating Rink, o Clube Guanabara, o Clube do Rio Comprido, a Societé Française de Gymnastique, em teatros que se alinhavam ao lado dos bailes públicos, mas em área social selecionada.

O carnaval se alastra: Surgem "arrastados" em casas de família, bailes ao ar livre, bailes infantis e os pré-carnavalescos, bailes em circos, matinês dançantes. Afinal, certos bailes ganharam fama nacional e até internacional, realizados em grandes clubes, hotéis ou teatros: em 1908 houve o primeiro dos bailes do High-Life, que chegaram ao fim nos anos 40; em 1918 iniciou-se a tradição do baile dos Artistas, no teatro Fênix; em 1932, o primeiro grande baile oficializado, o do Teatro Municipal, abriu caminho para muitos outros; e logo vieram os do Glória, Palácio Teatro, Copacabana Palace, Palace Hotel, Cassino da Urca, Cassino Atlântico, Cassino Copacabana, Quitandinha (em Petrópolis), Automóvel Clube do Brasil.

Em 1935, o Cordão dos Laranjas construiu um salão, em forma de navio, que "atracou" na Esplanada do Castelo, e ali se realizariam alguns dos mais alegres bailes de três ou quatro carnavais. E enquanto o Municipal iniciava concursos de fantasias de luxo (a princípio só femininas, e, depois dos anos 50, masculinas), os bailes que atraíam multidões eram os do Botafogo, Fluminense, Flamengo, Vasco da Gama, América. Bem familiares em suas

CONTINUA

primeiras versões, reunindo a sociedade abastada em trajes de gala, foram-se tornando cada vez menos bailes de fantasia. Já não se conseguia dançar, apenas pular, e à casaca e ao smoking juntavam-se o traje-esporte e o mulherio semidespido. E existiam os bailes gremiais como o das Atrizes, o Vermelho e Negro, o dos Pierrôs etc.

Banho de mar à fantasia: Nos bailes, as danças variavam, de polca, lundu e tanguinho a sambas, marchinhas, frevos, jongos e cateretês, com todos os participantes cantando, pulando e "fazendo cordão". Já nos banhos de mar à fantasia, porém, os foliões cantavam a plenos pulmões as músicas de sua preferência e também aquelas que eram divulgadas por discos e nos coretos municipais animados por bandas de música.

Os banhos de mar à fantasia criaram hábito no intervalo entre a primeira e a segunda Guerra Mundial. Os blocos e foliões trajavam fantasias de papel crepom e, após desfilarem nas praias, caíam na água, tingindo-a por horas, pois as fantasias de papel desbotavam fortemente. Havia, é claro, outro traje de banho, normal, sob aqueles carnavalescos e efêmeros.

Batalha de confete e corsos: O confete, a serpentina e o lança-perfume — os três elementos que, entre o início do século e a década de 1950 animaram o carnaval brasileiro de salão — também cooperaram para o maior êxito dos corsos que deram vida ao carnaval de rua. E neste, as batalhas de confete constituíam o momento culminante.

A moda do corso, iniciada timidamente logo após a chegada dos primeiros automóveis, atingiria seus momentos de glória entre 1928 e a década de 1940. Consistia o corso numa passeata carnavalesca de carros de passeio conversíveis, de capota arriada, enfeitados de panos coloridos e bandeirolas, conduzindo famílias ou grupos de foliões que se sentavam não só nos assentos mas também sobre a capota arriada, sobretudo as moças fantasiadas de saias bem curtas, cantando ou jogando serpentinas e confetes nos pedestres, que se amontoavam nas beiras das calçadas para vê-las passar.

Essa gente motorizada brincava também com os ocupantes dos carros vizinhos e, por vezes, com os veículos rodando lentamente, emendavam o cortejo atirando montes de confete e milhares de metros de serpentina que enlaçavam os carros e se acumulavam no asfalto das avenidas a cada noite. O lança-perfume também era usado em profusão, enquanto a confraternização com os pedestres se ampliava não só através dos jatos de lança-perfume — o que abria caminho para conhecimentos mais íntimos, namoricos etc. — como também de caronas momentâneas na disputa de músicas entoadas por uns e por outros. Cada cidade possuía seu local de corso, e o do Rio de Janeiro ocorria, principalmente, na avenida Rio Branco (antiga avenida Central), mas a certa altura, em vários carnavais o corso se prolongava à avenida Beira-Mar, atingindo o Flamengo e Botafogo até o Pavilhão Mourisco, no final da praia.

Quase conseqüência do corso — que desapareceu com o advento das limusines e carros fechados — as batalhas de confete ocorriam em locais determinados que possuíssem torcidas bairristas organizadas ou blocos fortes para desenvolver a disputa — uma competição de canto, dança na rua e corso (nem sempre). Nas semanas ou meses que antecediam o tríduo de Momo, essas torcidas ou blocos organizavam as festas em que se gastavam quilos de confete e serpentina, litros de lança-perfume, e em que se dava a disputa entre as preferidas de cada agremiação. Tais batalhas se prolongavam, às vezes, até o amanhecer, algumas superando a empolgação dos dias de carnaval "legítimo". Pois ali se exibiam os blocos, os ranchos e os foliões avulsos.

Blocos, ranchos, grandes sociedades: No carnaval de rua era comum o "trote" e os blocos de sujeitos. O encontro de blocos resultava, às vezes, em batalhas campais de sopapos. Nos desfiles, entre os anos 1919 e 1939, destacavam-se os tradicionais ranchos, que desfilavam às segundas-feiras. Havia ainda as grandes sociedades, com seus carros alegóricos, repletos de mulheres bonitas, alegorias mitológicas, históricas e cívicas; carros de crítica política encerravam, no fim da noite de terça-feira gorda, os festejos. Tais agremiações se chamavam Tenentes do Diabo, Pierrôs da Caverna, Clube dos Democráticos, Fenianos, Congresso dos Fenianos, Clube dos Embaixadores etc.

A grande concentração popular se fazia na avenida Rio Branco, da Cinelândia até a rua do Ouvidor. A classe média alta preferia as imediações do Jôquei Clube, entre a avenida Almirante Barroso e a rua Araújo Porto Alegre. Alguns levavam seus próprios assentos, cadeiras e banquinhos, mais tarde substituídos por palanques e arquibancadas montados pela prefeitura. A segunda-feira era célebre não só pelo desfile de ranchos — que usavam fogos de artifícios coloridos —, mas também porque os freqüentadores do baile do Municipal eram observados pelo populacho, que ia admirar-lhes as fantasias. A Galeria Cruzeiro, hoje edifício Av. Central, era o ponto focal do trecho entre a rua São José e a avenida Almirante Barroso, a área de maior animação dos carnavalescos tradicionais, que cantavam e dançavam ao som das músicas lançadas nos palcos dos teatros de revista e nas emissoras de rádio.

Escolas de samba: As "escolas de samba" nasceram de redutos de diversão das camadas pobres da população do Rio de Janeiro, em sua quase totalidade negros. Reuniam-se para cultivar a música e a dança do samba e outros costumes herdados da cultura africana, e quase sempre enfrentavam ostensiva repressão policial. Para a formação desses redutos contribuiu decisivamente a migração de populações rurais nordestinas, que, atraídas para a capital em fins do século XIX, introduziram um mínimo de organização e de sentido grupal ao carnaval carioca, até então herdeiro do entrudo português.

CONTINUA

No entanto, a denominação "escola" só vai surgir em 1928, com a criação da Deixa Falar, no bairro do Estácio. Ismael Silva (1905-1978), seu fundador, explicava o termo como decorrência da proximidade da Escola Normal, no mesmo bairro, o que fazia os sambistas locais serem tratados de "professor" ou "mestre". Posteriormente surgem diversas outras escolas, entre as quais Portela, Mangueira e Unidos da Tijuca. No começo, pouco se distinguem dos blocos e cordões, com ausência de sentido coreográfico e sem qualquer caráter competitivo. Com o tempo, transformam-se em associações recreativas, abertas, cuja finalidade maior é competir nos desfiles carnavalescos, transformados em atração máxima do turismo carioca. De tal forma agigantam-se, que seus encargos - a partir da década de 1960 - equivalem aos de uma empresa, o que as obriga a funcionar por todo o ano, promovendo rodas de samba e "ensaios" com entrada paga, maneira de amenizarem os gastos decorrentes da preparação dos desfiles.

Com a oficialização dos desfiles, a partir de 1935, as escolas passam a receber subsídios da prefeitura, transformando-se, a partir de 1952, em sociedades civis, com regulamento e sede, elegendo periodicamente suas diretorias, inclusive um diretor de bateria, que comanda os instrumentos de percussão, e um diretor de harmonia, responsável pelo entrosamento de canto e orquestra. A escola desfila precedida de um abre-alas (faixa que pede passagem e anuncia o enredo) e da comissão de frente (dez a quinze sambistas, representando simbolicamente a diretoria da escola). A seguir, pastoras (antigas dançarinas dos ranchos), fazendo evoluções; mestre-sala e porta-bandeira; destaques; academia (coro masculino e bateria). O restante divide-se em alas, geralmente com coreografias especiais, e carros alegóricos. Apresentam sempre um tema nacional — lenda ou fato histórico — expresso no samba-enredo, base de todo o desfile.

Até 1932, quando foi organizado o primeiro desfile, as escolas limitavam-se a percorrer livremente as ruas, acompanhadas por populares. Naquele ano, o jornal Mundo Esportivo organizou um desfile na praça Onze, de que participaram dezenove escolas, saindo vitoriosa a Estação Primeira de Mangueira. No ano seguinte o número de concorrentes subiu para 29 e o desfile foi promovido pelo jornal O Globo, saindo vitoriosa novamente a Mangueira. Em 1934, ano em que foi fundada a União Geral das Escolas de Samba, a competição foi realizada no dia 20 de janeiro, em homenagem ao prefeito Pedro Ernesto, e a Mangueira alcançou o tricampeonato.

O interesse em fomentar a competição com atração turística começou em 1935, quando o certame foi apoiado pelo Conselho de Turismo da Prefeitura do então Distrito Federal, obtendo a Portela sua primeira vitória, ainda com o nome de Vai Como Pode. A partir daí, já estabelecido como promoção oficial do carnaval carioca, o desfile foi realizado sem interrupção, exceto nos anos de 1938 e 1952, quando as chuvas impediram a promoção.

O modelo se estendeu a todas as capitais brasileiras, excetuando-se duas: Salvador da Bahia e o conjunto Recife-Olinda, em Pernambuco.

Carnaval de Pernambuco e Bahia: O carnaval pernambucano, especialmente em Olinda e Recife, é um dos mais animados do país, e essa característica cresceu paralelamente à extinção do carnaval de rua na maior parte das cidades brasileiras, por causa do desfile das escolas de samba. As principais atrações do carnaval pernambucano — cujos bailes também são os mais animados — são, na rua, o frevo, o maracatu, as agremiações de caboclinhos, a imensa participação popular nos blocos (reminiscências modernizadas dos antigos "cordões") e os clubes de frevo. Em Recife e Olinda os foliões cantam e dançam, mesmo sem uniformes ou fantasias, ao som das orquestras e bandas que fazem a festa. Os conjuntos de frevo mais animados são os Vassourinhas, Toureiros, Lenhadores e outros.

Lembrando, pela cadência, os velhos ranchos, os maracatus estão ligados às tradições afro-brasileiras. Já os caboclinhos constituem outro tipo de agremiação folclórica, cujos desfiles são apenas vistos e aplaudidos.

A outra cidade em que a participação popular é costumeira, e onde todos cantam, dançam e brincam é Salvador. Uma invenção surgida na década de 1970 e que, à diferença do frevo, conseguiu contagiar outros estados e cidades, foi o trio elétrico — um caminhão monumental no qual se instalam aparelhos de som, equipados com poderosos alto-falantes que reproduzem continuamente as composições carnavalescas gravadas. Há ainda, como em Recife e Olinda, muitos populares que improvisam fantasias simples mas também adotam a postura galhofeira e vestem os disfarces de cinquenta ou cem anos atrás. Tudo isto traduz bem o espírito momesco irreverente que impele a multidão à descontração total.

Músicas de carnaval: Durante o império, as músicas cantadas no período carnavalesco, no Brasil, eram árias de operetas, depois lundus, tanguinhos, polcas e até valsas. No início do século XX, predominaram, nas ruas, as cantigas de cordões e ranchos e, nos bailes, chorinhos lentos, polcas-chulas, marchas, fados, polcas-tangos, toadas e canções. Logo após a primeira guerra mundial, os palcos dos teatros-de-revista tornaram-se os lançadores das músicas de carnaval e iniciou-se, então, o domínio das marchinhas, maxixes, marchas-chulas, cateretês e batucadas. E também do samba, que, na era do rádio, entre 1930 e 1960, dividiu os louros com a marchinha, embora às vezes cedesse ao sucesso de um jongo, de uma valsa ou de uma batucada. O samba, nos salões e na rua, era absoluto. Mas desde fins do decênio de 1960, com a consolidação do desfile das escolas de samba, o samba e a marcha mergulharam no ostracismo, trocados pelo samba-enredo das escolas de samba.



CASAMENTO NA ROÇA

O casamento na roça, da gente da roça, com os costumes da roça, é um acontecimento social de importância ímpar para esse povo no qual o renovo da vida rima com confiança, perseverança, alegria e autenticidade. Diferente dos valores sustentados na sociedade formal, que segue um padrão de etiquetas à distância do seu natural e mais próximo de um palco nupcial para uma platéia distinta assistir.

Para o matuto, toda platéia (convidado) é participante ativa do processo. Porquanto, estará no palco também, ou no chão batido do terreiro da frente da casa onde mora, local em que se comemoram os festejos matutos.

Muitas figuras têm participação direta na preparação de um casamento na roça, pessoas que assumem de pronto com autoridade e animação a ação de ajudar, festejar, ver realizar-se o sonho do outro: padrinhos de batismo do noivo e da noiva, padrinhos de casamento do noivo e da noiva, tios, primos, amigos mais chegados, compadres de fogueira, a vizinhança inteira de alguma forma participa, parece que todo mundo vai casar.

Haja animação, comentários entusiasmados e felicitados dos que estão envolvidos na festança. Dia de feira nem se fala, é o prato do dia. Quando se identifica certa pontinha de ansiedade para a tão sonhada hora.

Pois bem, o matuto, capiau, tabaréu, caipira, é assim despojado e de tanto despojamento não disfarça o seu jeito de ser. Sem copiar nada de fora, faz na hora o que lhe é de dentro, sem intento nenhum de exibição, a não ser pela satisfação de fazê-lo.

E assim os convidados vão trazendo à casa da noiva, sede da festa, as generosas ofertas para os comensais e bebês do evento: cabrito, carneiro, porco, galinha, capão, peru; em alguns casos, novilho; queijo-do-reino, rapadura, farinha pra fazer pirão, chouriço, carne seca, queijo de coalho, bebida, goiabada, arroz, feijão, cada um traz daquilo que lhe é comum ou que lhe salta aos olhos para o regalo.

Dia do casório. A mãe e um exército de amigas, irmãs, primas, tias, aprontam a noiva. O vestido é caprichado, como toda matuta que se presa, composto, nada de aparecer o busto. Pano é o que mais tem, bordados também, vestido bonito, na moda que nunca muda, comprido arrastando no chão.

O ato formal do casamento, que acontece na cidadezinha mais próxima ou mesmo num vilarejo ali perto, geralmente é no domingo pela manhã, para que a festa atravesse o dia. Se tiver carro vai de carro, se não tem vai a cavalo, carro-de-bois ou carroça, ninguém repara essas coisas, até porque na roça todo mundo é rico, por merecimento, nascimento, solidariedade ou simplesmente em sonho.

Um contingente de pessoas amigas, parentes, vizinhos voluntários e contratados, fica em casa aprontando a comida, arrumando o local do fuzuê, a culminância da função. É dia de casamento, há um afloramento de satisfação que contagia a todos.

Depois do retorno dos noivos, agora casados, começa a festa. Violeiros de improviso felicitam o casal com versos de amor e votos de que continue assim para o resto da vida. O cheiro de comida vai se espalhando no ar, incensando o lugar, os convidados vão se acomodando, os pratos vão passando, a bebida servida, e a noiva destemida passeia arrastando o vestido por tudo que é canto, cumprimentando os convidados e recebendo deles os cumprimentos.

Debaixo das árvores e pelo terreiro se espalham sombreiros abrigando gente. À beira da cerca, dentro do curral, em qualquer local formam-se os grupos de proseadores, até o sanfoneiro puxar o primeiro acorde, triângulo, zabumba, pandeiro, maraca, aí já se viu... O corrupio é grande e o suor também. Num latada improvisada ao lado da casa, a caboclada não dispensa o arrasta-pé. E tome poeira. A cabroeira não tá nem aí, o suor escorre ensopando a roupa e os noivos no meio sem receio nenhum de comemorar.

Nada de automóvel decorado, pichado, com penduricalhos para a fuga dos recém-casados à lua-de-mel. Que nada! Eles vão a pé mesmo. Foi ali pertinho que construíram o seu rancho. E é para lá que vão.

A tardezinha chega, despendem-se da família, de alguns convidados e partem.

Casamento na Roça

"Peça Teatral"



PERSONAGENS: Padre (nome), mulher do padre (nome), noiva (nome), duas ex-namoradas do noivo (nomes), noivo (nome), Delegado (nome), dois ajudantes de delegado (nome), pais da Noiva (João Fábio e Marisa), Irmão da Noiva (nome) e Padrinhos (nomes).

Os convidados se posicionam em duas filas, deixando o centro para a passagem da noiva. O padre encontra-se no Altar, sua mulher "grávida", ao lado, os padrinhos, a família da noiva, o delegado e seus ajudantes, próximos do Altar.

Numa barraca ao lado da Igreja o noivo, na companhia de uma ex-namorada que sai da barraca aparentando bêbada e suspirando de alegria e cansaço.

EX-NAMORADA: Ai! Pedrilho Foguetão me deixou doidinha!

O noivo grita:

NOIVO: Oh! Vidão porreta! Isso é bom demais! O pior é que eu já to é morto! Oh! Mulher do cão! Chega outra ex-namorada e o noivo alegra-se.

NOIVO: Pois não é que eu estava te esperando! Chegue pra cá minha bichinha me fazer um chamego! Eu estou cansado!

EX-NAMORADA: Cansado de quê? O que era que você estava fazendo aqui no nosso ninho?

NOIVO: Cansado de tanto trabalhar mulher! E era de ser de que?

Na Igreja o Padre anuncia a chegada da noiva:

PADRE: A noiva ta chegando! Vamos bate parma pra ela pessoar!

NOIVA: Ai mãe, ele num vem., acho que vou desmaia! (simula um desmaio, é acudida pela mãe e pelas madrinhas).

O pai da noiva faz um sinal para o delegado, cochica no ouvido.

DELEGADO: Pêra aí seu padre; eu já vou buscar aquele safado! (e sai acompanhado por dois ajudantes armados com espingarda e cassetetes).

PAI DA NOIVA: Pai não sai daí que eu trago ele nem que seja morto pro senhor fazer o enterro!

E chegando lá.

NOIVO E EX-NAMORADA: UI! UI! UI! UI! UI! UI!

NOIVO: Cadê a cachaça?

EX-NAMORADA: Ta aqui! (pausa) Ta na hora do casório!

CONTINUA

NOIVO:- Que negócio é esse de casamento e eu lá sou doido.

PAI DA NOIVA:Achemos ele delegado! Aquele safado ta aí dentro! E se ele não honrar minha filha, pode deixar que eu mermo mato.

O noivo é encurralado e levado até o altar, grande parte dos convidados posicionam-se atrás do noivo para que ele não fuja.

PADRE: Bão, vamos começar logo esse casório. Dirigindo-se a noiva dizJ - Ocê, Chiquinha Dengosa, promete de coração, pra marido toda vida, Pedrilho Foguetão?

NOIVA: Mais que pergunta mais isquisita seu vigário faz pra mim, eu vim aqui mais o Pedrinho não foi pra dizer sim?

PADRE: (Dirigindo-se ao noivo) – E ocê Pedrilho, que me olha tão prosa, qué mesmo pra sua esposa sinhá Chiquinha Dengosa?

EX-NAMORADA GRÁVIDA – Não seu padre! Ele não pode se casar com Chiquinha Dengosa! Ele tem que se casar comigo, porque eu estou grávida dele!

A noiva simula um desmaio nos braços do noivo.

NOIVO – Seu Padre, mais esse filho não é meu! Ele é filho de Tiquim!

PADRE – E quem é Tiquim?

NOIVO: Seu Padre, é tiquim de um, um tiquim de outro.

O pai e o irmão da noiva tiram a ex-namorada da Igreja.

O noivo põe a sua noiva de pé.

DELEGADO – Padre, sem mais nenhuma massada termine esse casamento. Ligeiro! (aponta a arma para o padre).

NOIVO – Padre faça o que o delegado mandou que eu prefiro casar com Dengosa a ser pai de Tiquim.

PADRE – Então Pedrilho Foguetão deseja sinhá Dengosa como sua esposa?

NOIVO – Num havia de querê, num é essa minha opinião, mas se não caso com Chiquinha, vô direto pro caixão. (olha para o delegado que mira a espingarda).

IRMÃO DA NOIVA: (Segura o colarinho da camisa) Diz logo esse sim seu cabra safado!

NOIVO – Sim seu Padre!

PADRE – Então, em nome do cravo e do manjeriçõ caso a Chiquinha Dengosa.

CONVIDADOS – Viva!!! (e jogam arroz para dar sorte).

PADRE – E vamos pro bailei, pessoar!!!!

(convidados formam pares e iniciam quadrilha)

Preparação da Festa

As Folias do Divino

Um ano antes da realização da Festa do Divino são distribuídos os chamados “encargos” da festa, ou seja, os papéis ou funções que cada um deverá exercer na **Festa-representação** que é a Festa do Espírito Santo. Estes encargos são sorteados entre todos os que se apresentam como candidatos. Quem se candidata deve estar ciente dos custos que o encargo envolve, embora muitas pessoas sabendo disso façam da candidatura ao encargo o sacrifício implícito em uma promessa que será paga com o trabalho e investimento material na festa. Os principais encargos da Festa do Divino são:

Mordomo da novena:

Um mordomo para cada noite da novena é sorteado, contando-se, portanto, com nove mordomos da novena. Eles são responsáveis pela organização e parte dos gastos com a “reza da novena” (velas e um eventual café com bolinhos oferecido aos que participam dela).

Folião da Cidade:

Responsável pela Folia do Espírito Santo, que percorre a cidade nos dias finais da Semana Santa e poucos dias antes da festa. Ele pode participar diretamente da folia ou pagar a algum folião para sair com a banda em seu lugar. Se ele próprio for o Folião, recebe as homenagens costumeiras de folia nas casas por onde passa. Se pagar pela Folia, recebe homenagens apenas dos demais foliões.

Mordomo das Velas:

Responsável pelos gastos com velas e também com energia elétrica durante os domingos do período da festa.

Mordomo da Bandeira:

Responsável pela guarda e manutenção (incluindo reformas) da Bandeira do Divino. É quem conduz em procissão a Bandeira do Divino e a coloca no mastro para o hasteamento. De sua casa sai a Procissão da Bandeira nos anos em que ela acontece. Segundo Brandão (1978), em alguns anos ou cidades é o Mordomo da Bandeira acompanha essa procissão em lugar de destaque.

Mordomo do Mastro:

É encarregado de obter e preparar o mastro da “Bandeira do Divino”, providenciar seu levantamento e também pela queima de fogos.

Mordomo da Fogueira:

Responsável pela construção da fogueira e sua queima, durante o levantamento do mastro e da bandeira, e ainda pela queima dos fogos.

Imperador do Divino:

É o responsável pela coordenação da festa juntamente com o padre da igreja local e alguns “mordomos, e pela maior parte dos investimentos feitos. Organiza os eventos da festa, arcando com grande parte dos gastos coletivos das Cavalhadas desde os dias do ensaio. Paga pelos fogos, pela decoração da cidade (ajudado pela prefeitura) e pelas apresentações das duas bandas. Recebe as pessoas da festa e visitantes em sua casa, onde deve oferecer comida e bebida. De sua casa saem: Alvorada do Sábado e do Domingo, Procissão da Coroa, Procissão do Espírito Santo e os Cavaleiros, para ensaio. Voltam à sua casa: Procissão da Volta da Coroa, Bandeira e Cortejo ao final da festa.

O imperador do Divino tem lugar de honra nas missas (sentado num trono), nas procissões e nas Cavalhadas (palanque imperial). Ele é homenageado em diferentes situações pelos cavaleiros, pela banda de música e pelos foliões do Espírito Santo. Usa os principais símbolos da festa: a coroa do Divino e o cetro (Brandão, 1978).

Nos dois últimos dias da Semana Santa, o Folião da Cidade a percorre com a primeira Folia do Divino de uma nova Festa. O pequeno cortejo de instrumentistas e cantores divide-se entre os bairros e vilas da cidade e seus integrantes procuram visitar o maior número possível de casas em busca de doativos para a festa. A coroa do imperador é levada da casa deste pelos foliões, que percorrem com ela e a Bandeira, os lugares de “peditório”. Essa atividade também é conhecida como “Bandeira do Divino”, e pode sair novamente durante a semana da novena.

FESTA DO DIVINO

Origem Portuguesa

A origem remonta às celebrações religiosas realizadas em Portugal a partir do século XIV, nas quais a terceira pessoa da Santíssima Trindade era festejada com banquetes coletivos designados de Bodo aos Pobres com distribuição de comida e esmolos.

Assunto muito abordado pelo professor Agostinho da Silva. Há referências históricas que indicam que foi inicialmente instituída, em 1321, pelo convento franciscano de Alenquer sob proteção da Rainha Santa Isabel de Portugal e Aragão.

Essas celebrações aconteciam cinquenta dias após a Páscoa, comemorando o dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu do céu sobre os apóstolos de Cristo sob a forma de línguas como de fogo, segundo conta o Novo Testamento. Desde seus primórdios, os festejos do Divino, realizados na época das primeiras colheitas no calendário agrícola do hemisfério norte, são marcados pela esperança na chegada de uma nova era para o mundo dos homens, com igualdade, prosperidade e abundância para todos.

A devoção ao Divino encontrou um solo fértil para florescer nas colônias portuguesas, especialmente no arquipélago dos Açores. De lá, espalhou-se para outras áreas colonizadas por açorianos, como a Nova Inglaterra, nos Estados Unidos da América, e diversas partes do Brasil.

Brasil

É provável que o costume de festejar o Espírito Santo tenha chegado ao Brasil já nas primeiras décadas de colonização. Hoje, a festa do Divino pode ser encontrada em praticamente todas as regiões do país, do Rio Grande do Sul ao Amapá, apresentando características distintas em cada local, mas mantendo em comum elementos como a pomba branca e a santa coroa, a coroação de imperadores e a distribuição de esmolos.

Maranhão

Maranhão

Alcântara: O culto ao Divino Espírito Santo teve início com os colonos açorianos, portugueses e seus descendentes, que desde o início do século XVII chegaram para povoar a região. A partir de meados do século XIX, a tradição da festa do Divino começou a estar firmemente enraizada entre a população da cidade de Alcântara, de onde se espalhou para o resto do Maranhão, tornando-se muito popular entre as diversas camadas da sociedade, especialmente as mais pobres.

Hoje, a devoção ao Divino é uma das mais importantes práticas religiosas do Maranhão, a festa, igualmente a que ocorre em Paraty (Rio de Janeiro) seja talvez uma das mais tradicionais de todo o território brasileiro, conservando ainda à risca aspectos do período colonial, mobilizando a cada ano centenas de pessoas em todo o Estado. Embora possa envolver gente de todos os extratos sociais, quase todos os participantes são pessoas humildes, de baixo poder aquisitivo, que se esforçam para produzir uma festa rica e luxuosa, onde não podem faltar as refeições fartas, a decoração requintada e caras vestimentas para as crianças do *império* (ver abaixo). Por se tratar de uma festa longa, custosa e cheia de detalhes, sua preparação e realização levam vários meses e envolvem muita gente, construindo assim uma grande rede de relações entre todos os participantes.

Em São Luís e em diversas outras cidades maranhenses, a festa do Divino é estreitamente identificada com as mulheres, e em especial com as mulheres negras ligadas às religiões afro-brasileiras. Esse fato distingue a festa no Maranhão das festas do Divino realizadas em outras regiões do país e lhe dá uma feição bem particular. Com exceção de algumas festas como a de Alcântara, organizada com o apoio de autoridades locais e sem vínculos com terreiros, a grande maioria das festas do Divino no Maranhão é realizada em casas de culto, onde a presença feminina é dominante.

Toda a festa do Divino gira em torno de um grupo de crianças, chamado *império* ou *reinado*. Essas crianças são vestidas com trajes de nobres e tratadas como tais durante os dias da festa, com todas as regalias. O império se estrutura de acordo com uma hierarquia no topo da qual estão o imperador e a imperatriz (ou rei e rainha), abaixo do qual ficam o mordomo-régio e a mordoma-régia, que por sua vez estão acima do mordomo-mor e da mordoma--mor. A cada ano, ao final da festa, imperador e imperatriz repassam seus cargos aos mordomos que os ocuparão no ano seguinte, recomeçando o ciclo.

A festa se desenrola em um salão chamado *tribuna*, que representa um palácio real e é especialmente decorado para este fim. A abertura e o fechamento desse espaço marcam o começo e o fim do ciclo da festa, durante o qual se desenrolam as diversas etapas que, em conjunto, constituem um ritual extremamente complexo, que pode durar até quinze dias: abertura da tribuna, busca e levantamento do mastro, visita dos impérios, missa e cerimônia dos impérios, derrubamento do mastro, repasse das posses reais, fechamento da tribuna e carimbó de caixeiras.

CONTINUA

Entre os elementos mais importantes da festa do Divino estão as *caixeiras*, senhoras devotas que cantam e tocam caixa acompanhando todas as etapas da cerimônia. As caixeiras são em geral mulheres negras, com mais de cinquenta anos, que moram em bairros periféricos da cidade. É sua responsabilidade não só conhecer perfeitamente todos os detalhes do ritual e do repertório musical da festa, que é vasto e variado, mas também possuir o dom do improvisado para poder responder a qualquer situação imprevista.

Foi introduzida nas cidades históricas de Corumbá de Goiás, Jaraguá e Pirenópolis.

Goiás

A Festa do Divino de Pirenópolis foi introduzida nas cidades históricas de Corumbá de Goiás, Jaraguá e Pirenópolis.

em 1819, e é festejada até hoje. É palco das famosas Cavalhadas de Pirenópolis a mais bela e expressiva do Brasil, e da Festa do Divino, festejo religioso que dura cerca de 20 dias. Acontecem durante as festividades de Pentecostes, 50 dias após a Páscoa, e em Pirenópolis reúne diversas manifestações, como congadas, reinados, juizados, folias, queima de fogos, pastorinhas, missas, novena do divino (entoadas em latim pela Orquestra e Coral Nossa Senhora do Rosário, Levantamento do Mastro de 30 metros de altura, Mascarados e as tradicionais Cavalhadas de Pirenópolis. Os Mascarados são um dos personagens da Festa do Divino Espírito Santo, que montados a cavalo, fazem algazarra pela cidade. Ver: Festa do Divino de Pirenópolis.

Minas Gerais

São João Del-Rei

No bairro de Matosinhos, celebra-se o Jubileu do Divino Espírito Santo. Este jubileu foi autorizado em 1783 pelo Papa Pio VI por meio de um breve pontifício. No ano de 1924 os festejos profanos foram paralisados. Em 1998 um grupo de folcloristas retoma a parte profana da festa e à reincorpora. O Jubileu do Divino Espírito Santo acontece todos os anos no Santuário de Senhor Bom Jesus de Matosinhos.

São Paulo

Tietê: A festa tem sua origem baseada na triste história da epidemia de maleita que matou muitas pessoas, por volta do ano de 1830. O povo então fez a promessa ao Divino Espírito Santo para que acabasse com a doença e em sua homenagem seria feita uma festa anual.

Nessa festa repete-se o ritual dos Irmãos do Divino que no passado iam com batelões até os sítios mais distantes prestar socorro às famílias que sofriam com a epidemia.

Hoje seguindo a tradição, os Irmãos viajam por quarenta dias, rio acima e rio abaixo, levando a imagem do Divino e arrecadando donativos pela zona rural em benefício da festa. Passam a noite em residências onde já são aguardados, sendo recebidos com jantares, cantorias e muita gente. Este é o chamado "Pouso do Divino".

No último sábado do ano, o dia da Festa, acontece o tradicional Encontro das Canoas, e o povo desce as margens do rio para também prestar sua homenagem ao Divino Espírito Santo.

São Luís do Paraitinga: Uma das festas religiosas mais populares do Estado de São Paulo acontece no município de São Luís do Paraitinga, no interior paulista, é a Festa do Divino, que começa todo ano na sexta-feira de pentecostes. A festa dura, ao todo, 10 dias, nos quais são realizadas cerca de 20 procissões. O dia principal da festa é conhecido como Grande Dia. A cidade é despertada por volta das 6 horas com o toque da alvorada, realizado pela banda de música e pelo batuque da congada. As missas e apresentações folclóricas se revezam. Congadas, moçambiques, pau-de-cebo, o casal de bonecos João Paulino e Maria Angu, cavalhada, distribuição de doces para o povo, brincadeiras para as crianças, como as corridas de ovo e corrida de saco. Há também a distribuição gratuita aos visitantes da festa de um prato caipira típico, o afogado. Para prepará-lo são abatidas de 15 a 20 vacas.

Santa Catarina

Florianópolis: Divina Festa - A Festa da Família (Florianópolis)

A tradição da festa do Divino, iniciada no século XVIII, e desde então realizada pela Irmandade do Divino Espírito Santo, foi retomada anualmente a partir de 1994, na Praça Getúlio Vargas, local em que sempre foi feita. Inicialmente, o interesse da IDES era o de reintroduzi-la, com suas barraquinhas e folguedos, nos costumes da comunidade central de Florianópolis, e a propagação do culto ao Divino Espírito Santo.

CONTINUA

Dada a sua evolução e repercussão, atualmente, a IDES/PROMENOR tem na Divina Festa do Divino, um pilar de sustentação financeira, para a manutenção dos programas de atendimento oferecido à 1100 crianças e adolescentes da Grande Florianópolis.

Outro objetivo da IDES/PROMENOR é divulgar e propagar a devoção ao Espírito Santo, mantendo viva essa tradição através da promoção de ações solidárias e de vivência religiosa.

A festa passa constantemente por notáveis transformações, passando por critérios de alta qualidade, beleza, cuidados com os detalhes para que o resultado seja cada vez melhor.

Assim, o evento em sua nova versão, obtém receptividade absoluta da comunidade florianopolitana, cujas famílias, relembrando os velhos tempos, reúnem-se na praça para vivenciar em meio aos amigos, e resgatar a expressão cultural açoriana reverenciada na festa.

Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis)

O aspecto folclórico que mais se reveste de popularidade em Santa Catarina é realmente a Folia do Divino, cuja tradição vem sendo conservada até a época atual. Algumas festas são pomposas, outras mais modestas, mas todas procuram manter o máximo de autenticidade, primando pelo rigor do ato litúrgico.

A festa é realizada, a mais de 250 anos, na comunidade de Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis. A comunidade é uma das mais antigas da ilha, um dos berços da colonização açoriana na cidade e a Festa do Divino Espírito Santo tem um pouco disso, promover o encontro entre a religiosidade oriunda do Açores e as demais manifestações culturais que fazem parte da ilha de Santa Catarina.

Na ilha de Santa Catarina, a festa é precedida da “romaria” da bandeira do Divino, cuja finalidade era, e ainda é, o recolhimento de “esmolos, óbolos e esportulas”, destinados a auxiliar as despesas com a festa. Antigamente este coleta se revestia de cerimônia. Os “irmãos” das confrarias, portavam suas “opas” (roupas) vermelhas, acompanhavam o grupo que conduzia a bandeira e a coroa. A coleta aos poucos foi simplificando-se e hoje são poucos os distritos de Florianópolis, ou mesmo de outros municípios, que a praticam.

Santo Amaro da Imperatriz

A Festa do Divino Espírito Santo de Santo Amaro da Imperatriz é uma das maiores e mais tradicionais Festas do Divino do Brasil. Teve início no dia 29 de maio de 1854, após consulta ao Pe. Macário César de Alexandria e Sousa, Pároco de São José, o qual atendia o Arraial de Santo Amaro, que consentiu com a instituição da Festa do Divino Espírito Santo, com a realização da respectiva novena, e com a presença dos mordomos, do festeiro e da população em geral, na qual, segundo ele, poder-se-ia “cantar em ação de graças” ao Divino Espírito Santo.

Em 2009 a festa do Divino inicia-se no dia 29 de maio, tendo seu encerramento em 1 de junho. Os preparativos, tanto espirituais quanto materiais, se iniciam muito antes. Um exemplo disto é a Novena do Divino, que desde a Páscoa vem acontecendo, e a visitação da Bandeira, que vai de casa em casa levando um pouco de esperança e fé, e arrecadando donativos para a Festa.

A festa ocorre nos pavilhões da Igreja Matriz de Santo Amaro, sendo totalmente de caráter voluntário. Sua realização se dá pela colaboração da comunidade em geral. A organização fica por conta do CPC – Conselho de Pastoral da Comunidade.

Um levantamento aponta que em média 60.000 pessoas passam pelos pavilhões da Festa durante os quatro dias. Um dos grandes atrativos da Festa é a Corte Imperial, formada pela família do festeiro. A família usa trajes baseados em modelos usados pela corte, e apresenta ao povo toda a pompa que havia na corte Imperial. Outros atrativos ficam por conta da gastronomia, da Banda de Música de Santo Amaro, e de muitas outras bandas e atrações.



A NOITE DE NATAL



Origem do Natal

Universal, abrangente, calorosa - assim é a festa de Natal, que envolve a todos. Uma das mais coloridas celebrações da humanidade, é a maior festa da cristandade, da civilização surgida do cristianismo no Ocidente. Época em que toda a fantasia é permitida. Não há quem consiga ignorar a data por mais que conteste a importação norte-americana nos simbolismos: neve, Papai Noel vestido com roupa de lã e botas, castanhas, trenós, renas.

Até os antinatalinos acabam em concessões, um presentinho aqui, outro acolá. Uma estrelinha de Belém na porta de casa, uma luzinha, um mimo para marcar a celebração da vida, que é o autêntico sentido da festa. Independente do consumismo, tão marcante, o Natal mantém símbolos sagrados do dom, do mistério e da gratuidade. Na origem, as comemorações festivas do ciclo natalino vêm da distante Idade Média, quando a Igreja Católica introduziu o Natal em substituição a uma festa mais antiga do Império Romano, a festa do deus Mitra, que anunciava a volta do Sol em pleno inverno do Hemisfério Norte. A adoração a Mitra, divindade persa que se aliou ao sol para obter calor e luz em benefício das plantas, foi introduzida em Roma no último século antes de Cristo, tornando-se uma das religiões mais populares do Império.

A data conhecida pelos primeiros cristãos foi fixada pelo Papa Júlio 1º para o nascimento de Jesus Cristo como uma forma de atrair o interesse da população. Pouco a pouco o sentido cristão modelou e reinterpretou o Natal na forma e intenção. Conta a Bíblia que um anjo anunciou para Maria que ela daria a luz a Jesus, o filho de Deus. Na véspera do nascimento, o casal viajou de Nazaré para Belém, chegando na noite de Natal. Como não encontraram lugar para dormir, eles tiveram de ficar no estábulo de uma estalagem. E ali mesmo, entre bois e cabras, Jesus nasceu, sendo enrolado com panos e deitado em uma manjedoura.

Pastores que estavam próximos com seus rebanhos foram avisados por um anjo e visitaram o bebê. Três reis magos que viajavam há dias seguindo a estrela guia igualmente encontraram o lugar e ofereceram presentes ao menino: ouro, mirra e incenso. No retorno, espalharam a notícia de que havia nascido o filho de Deus.

Simbologia

Desde a sua origem, o Natal é carregado de magia. Gritos, cantigas, forma rudimentar do culto, um rito de cunho teatral, o drama litúrgico ou religioso medieval ganha modificações no decorrer dos séculos. Dos templos, a teatralização ganha praças, largos, ruas e vielas, carros ambulantes, autos sacramentais e natalinos. Os dignatários da Igreja promoviam espetáculos. Na evolução da história está a compreensão de todos os símbolos de Natal.

- **Árvore** - Representa a vida renovada, o nascimento de Jesus. O pinheiro foi escolhido por suas folhas sempre verdes, cheias de vida. Essa tradição surgiu na Alemanha, no século 16. As famílias germânicas enfeitavam suas árvores com papel colorido, frutas e doces. Somente no século 19, com a vinda dos imigrantes à América, é que o costume espalhou-se pelo mundo.
- **Presentes** - Simbolizam as ofertas dos três reis magos. Hábito anterior ao nascimento de Cristo. Os romanos celebrava a Saturnália em 17 de dezembro com troca de presentes. O Ano Novo romano tinha distribuição de mimos para crianças pobres.
- **Velas** - Representam a boa vontade. No passado europeu, apareciam nas janelas, indicando que os moradores estavam receptivos.
- **Estrela** - No topo do pinheiro, representa a esperança dos reis-magos em encontrar o filho de Deus. A estrela guia os orientou até o estábulo onde nasceu Jesus.
- **Cartões** - Surgiram na Inglaterra em 1843, criados por John C. Horsley que o deu a Henry Cole, amigo que sugeriu fazer cartas rápidas para felicitar conjuntamente os familiares.
- **Comidas típicas** - O simbolismo que o alimento tem na mesa vem das sociedades antigas que passavam fome e encontravam na carne, o mais importante prato, uma forma de reverenciar a Deus.
- **Presépio** - Reproduz o nascimento de Jesus. O primeiro a armar um presépio foi São Francisco do Assis, em 1223. As ordens religiosas se incumbiram de divulgar o presépio, a aristocracia investiu em montagens grandiosas e o povo assumiu a tarefa de continuar com o ritual.

CONTINUA

Meu São José dai-me licença
Para o Pastoril dançar,
Viemos para adorar
Jesus nasceu para nos salvar."

O ciclo natalino inicia-se na véspera do Natal, 24 de dezembro, e vai até o dia de Reis, 6 de janeiro. Para acompanhar esse período, é preciso manter a ingenuidade de uma criancinha, a esperança de um amanhecer ensolarado, a ternura de um botão de rosas e a leveza de uma linda borboleta no ar. A emoção do povo é revelada nos folguedos natalinos através de sua ação dramática. Temos vários folguedos natalinos, como o pastoril, o bumba-meu-boi, a cavallhada, a chegança, que fazem referências à Noite de Festas e ao grande dia em que Jesus nasceu. Desses folguedos, o mais tipicamente natalino é o pastoril religioso, que tem em sua essência a temática da visitação dos pastores ao estábulo de Belém onde Jesus nasceu.

Há registros sobre o pastoril desde da Idade Média. Em Portugal são conhecidas as peças de Juan de Encina e Gil Vicente, baseadas em temas populares anteriores, segundo o professor Roberto Benjamin. Como denominação popular do pastoril, temos a Lapinha, que desaparecera quase completamente, cedendo lugar aos pastoris. Câmara Cascudo descreve que a Lapinha "era representada na série dos pequeninos autos, diante do presépio, sem intercorrência de cenas alheias ao devocionário. Os presépios foram armados em Portugal desde 1391, quando as freiras do Salvador fizeram o primeiro." O presépio designa o estábulo ou o curral, lugar onde se recolhe o gado, e representa as cenas do nascimento de Jesus em Belém. Há também uma diferença terminológica decorrente de sua grandiosidade. Ou seja, se o era grande, rico e bonito, era chamado de Presépio; se era pobre, pequeno e despojado, era uma Lapinha.

Mas, o que ficou na tradição foi a queima da Lapinha, no dia 6 de janeiro, pois só por volta do século XVI, três centúrias após a criação da simbologia do presépio, teve início a dramatização da cena da Natividade, com contos populares, danças e produção literária anônimas, como registra Geninha da Rosa Borges. Pereira da Costa relata que "o pastoril era, a princípio, a representação do drama hierático, o nascimento de Jesus Cristo, o presépio dos bailados e cantos próprios. Conta a lenda que São Francisco de Assis, querendo comemorar de maneira condigna o nascimento de Jesus, no ano de 1223, entendeu de fazer uma representação do maior acontecimento da Cristandade. Obteve licença do Papa e fez transportar para uma gruta um boi, um jumento e uma manjedoura, colocando o menino Jesus sobre a palha, ladeado pelas imagens de Nossa senhora e São José.

Dentro dessa gruta, celebrou uma missa, assistida por um grande número de frades e camponesas das redondezas. Durante o sermão, pronunciou as palavras do Evangelho: "colocou-o num presépio, apareceu-lhe nos braços um menino todo iluminado", e a partir daí, a representação dos presépios tornou-se comum e espalhou-se por todo o mundo. O aparecimento do presépio em Pernambuco vem, talvez, do século VI, no Convento Franciscano em Olinda. Mário Souto Maior comenta que, "com o passar dos anos, o presépio, que era representação estática do nascimento de Jesus Cristo, até os fins do século VIII, começou a ter a sua forma animada pelas pastorinhas cantando loas, com a participação do velho, do pedegueba". Câmara Cascudo define o pastoril como "cantos, louvações, loas, entoadas diante do presépio na noite do Natal, aguardando-se a missa da meia-noite. Representavam a visita dos pastores ao estábulo de Belém, ofertas, louvores, pedidos de bênção. Os grupos que cantavam vestiam-se de pastores, e ocorria a presença de elementos para uma nota de comicidade, o velho, o vilão, o saloio (caipira), o soldado, o marujo, etc. Os pastoris foram evoluindo para os autos, pequeninas peças de sentido apologético, com enredo próprio divididos em episódios que tomavam a denominação quinhentista de "jornadas" e ainda a mantêm no nordeste do Brasil..." Nas jornadas, que eram um grande atrativo do pastoril, realçava-se o estilo dramático, fazendo com que os partidários atirassem flores, lenços de seda e até chapéus.

O Pastoril tem como corpo principal o grupo de pastoras, subdividido em dois cordões (azul e vermelho). A Mestre dirige o cordão vermelho, e a Contramestra, o cordão azul. Há também o Anjo, o Pastor, o Velho - personagem cômico, originário provavelmente do pastor -; a Diana, que é a intermediária entre os dois cordões; a Borboleta, personagem faceira; a Jardineira, que canta e dança uma jornada em solo, referente às atividades da jardinagem; a Libertina, que é, em algumas variantes, a pastora tentada pelo Demônio; o Demônio ou Diabo, que vem tentar as pastoras; a Cigana, que representa o povo cigano que vem dizer o destino, a sorte de Jesus e que "às vezes, lê a sorte das pastoras e das pessoas da platéia, lendo a mão na tradição da buena dicha para recolher o dinheiro.

Trajando saias curtas e rodadas, e corpetes ou blusas brancas, e usando um diadema enfeitado com fitas, as pastoras, com toda a graciosidade, trazem na mão pandeirinhos ou maracás, adornados da mesma forma. O Anjo apresenta-se como um anjo de procissão, com asas de papel; a Cigana veste saia comprida e usa brincos, lenços, colares de moedas douradas; a Borboleta usa asas transparentes e antenas de papel colorido; e o Pastor utiliza um cajado.

Assistir a uma encenação do pastoril, que seduz e encanta, revelando de maneira maravilhosa a estonteante beleza do Ciclo Natalino, traduzida nos rostos das pastoras, é deslumbrar-se com um espetáculo único do povo brasileiro.

A VÉSPERA DE REIS

Encenação



Artur Azevedo

A cena passa-se na capital da Bahia, em uma casa do Largo da Lapi-nha. Atualidade. Em casa de Reis. Sala de visitas. Móvelia velha: mesa, cadeiras, piano de mesa. Casti-çais com grandes mangas de vidro. Registros do Senhor do Bonfim. Palha Benta em um dos cantos da sala. Ao fundo, porta que deita para o corredor; à direita, duas janelas; à esquerda porta comunicando com o interior da habitação. É dia.

Cena I

JOSÉ e ALBERTO

(José está à janela, conversando com Alberto que se acha da parte de fora).

JOSÉ - Então V.S. me acha com cara de pau de cabeleira; não é assim, seu doutor?

ALBERTO - Fecho-te já a boca... (Dando-lhe dinheiro). Toma lá dois mil réis.

JOSÉ (Examinando) - Aqui só estão dez tostões... (Guarda o dinheiro).

ALBERTO - Logo dar-te-ei os outros dez. Anda! Vê um momento em que ela esteja sozinha.

JOSÉ - Não se incomode! Venha de lá um charutinho para o moleque...

ALBERTO - Eu fico à espera do assobio ali, (aponta) encostado ao chafariz...

JOSÉ - Faça favor de seu fogo. (Acende o seu charuto no de Alberto). Pode ir descansado, que o cabra é onça.

ALBERTO - Vê lá o que fazes, hein? Até logo... (Desaparece).

Cena II

JOSÉ, (desce à cena e canta) findando o trêmulo que a orquestra tem conservado desde a introdução).

COPLAS

Cena I (cont.)

Sou vivo como um azougue,
para dinheiro arranjar:
hoje não pude, no açougue,
o carnicheiro enganar.
Apesar de ser moleque,
sou vivo como um senhor
doutor;
pra num bolso dar um cheque,
como eu ninguém há
por cá.

Olá!

Como eu ninguém há!

Olé!

Como eu ninguém é!

Oh!

Como eu ninguém vi!

Olô!

Ninguém é como eu sou:

Olu!

Ninguém é como tu!

CENA II

Que me importa que se diga
qu'êstes meus modos são maus,
que sou doido de uma figa
e ando feito um dois de paus?

CONTINUA

Se me vêem nas algibeiras
moedas a tinir.
cair!

Dou-me bem co'estas maneiras,
pois é isso o que dá (Esfrega os dedos)
pra cá! (Aponta para as algibeiras)
Olá! etc.

Cena III

JOSÉ e EMÍLIA

EMÍLIA (Vendo José a fumar) - Muito bonito! Parece um dono de casa!

JOSÉ (Apaga o charuto com saliva e guarda-o atrás da orelha) - A benção, iaiázinha?

EMÍLIA - Adeus. (Senta-se) Já viste passar seu Alberto, José?

JOSÉ - Já sim, iaiázinha.

EMÍLIA - Ora! Por que não me chamaste?

JOSÉ - Coisa melhor, iaiázinha! Não se amofine! (Mostra-lhe a carta e cantarola). Trá lá rá lá lá...

EMÍLIA (Ergue-se vivamente) - Deixa ver! Deixa ver!

JOSÉ (Arremeda-a) - Deixa ver! Deixa ver! (Esquiva-se ao alcance das mãos da moça, negando-lhe a carta; afinal trepa sobre uma cadeira e entrega a carta) depois de levá-la à maior altura em que possam tocá-la as mãos de Emília).

EMÍLIA - Deixa-te de confianças, moleque! (Toma a carta).

JOSÉ - Eu é que devo levar a resposta, iaiázinha!

EMÍLIA (Abre e lê a carta) - "Milu. Peço-te que me deixes entrar hoje para a sala. O José ficará à porta e nos avisará quando avistar teu pai. A janela sempre podemos dar que falar à vizinhança. Teu - Alberto". (Guarda a carta). Ora! Seu Alberto não se enxerga!

JOSÉ - O que diz, iaiázinha?

EMÍLIA - Digo o que deve dizer uma menina de juízo: não consinto que ele transponha aquela porta sem o consentimento de papai e de mamãe. Quando for meu noivo, sim...

JOSÉ - Se iaiázinha soubesse o empenho que seu doutor mostra! Olha, não diga nada a ele... mas... ele me pediu que dissesse a iaiázinha que me entregou esta carta com as lágrimas nos olhos... (Pausa). Mas uma vez que iaiázinha não quer... (Vai sair pelo fundo).

EMÍLIA - José?

JOSÉ (Voltando ligeiro) - Mando entrar o moço?

EMÍLIA (Depois de hesitar) - Está bom, manda (José vai a sair). Mas espera: é preciso que lhe afirmes que só consenti depois de muitas instancias tuas. Será bom que não me julgue fácil. Manda-o entrar. Onde está ele?

JOSÉ - Olhe. (Aponta para a rua, pela janela). Não vê aquele tipo encostado ao chafariz? Fumando?

EMÍLIA - Sim. Isso há de ser já, enquanto papai não volta e mamãe está ocupada com o doce de araçá... (Vai saindo).

JOSÉ - Então iaiázinha não fica para recebê-lo?

EMÍLIA - Eu devo vir lá de dentro como quem não sabe da cousa. Já te disse: quero que ele se persuada que eu não aprovo...

JOSÉ - Se sinhô velho descobre...

EMÍLIA - Anda! Não estejas aí a papaguear! Avia-te! (sai).

Cena IV

JOSÉ depois ALBERTO

JOSÉ - O que eu quero é não ficar mal no negócio. Tenho medo destas coisas que me pelo! (Vai à janela e assobia: responde-lhe da rua um outro assobio). Moleque está fino no namoro!

Duetino

JOSÉ (À janela)

Entre depressa, meu ioiozinho!

(Correndo ao corredor)

Não faça bulha! Devagarinho!

ALBERTO (Entra)

Faça de conta que a casa é sua,
pois sinhô velho está na rua.

ALBERTO - E sinhá velha?

JOSÉ - Lá na cozinha,
fazendo doce com iaiázinha.

ALBERTO (À boca da cena)

Eu sou Alberto Ribeiro,
estudante o mais pimpão!

ALBERTO - Anda... Mexe-te... Logo terás os outros dez.

JOSÉ - Olhe: ai vem a iaiázinha. (Sai pelo fundo)

CONTINUA

JOSÉ -

Na bolsa pouco dinheiro;
muito amor no coração.

JUNTOS

Quando me lembro/se lembra que a namorada

nesta casinha vive isolada,
deixo/deixa pro lado a anatomia,

e sem saudades da cirurgia,
deito/deita a correr pro seu lado!

Sou/É ligeiro namorado!

Olaré! Olaré!

Vida boa isto é que é!

JOSÉ - Não se demore muito, é que é; hoje, véspera de Reis, sinhô velho deve entrar cedo...

ALBERTO - E Milu? Onde está ela?...

JOSÉ - Iaiázinha não tarda. Está contente como quê! Mas não diga nada a ela, porque ela me disse que lhe dissesse que não aprova a entrada de V.S. aqui e que só a muitas instâncias minhas...

ALBERTO - Bem. Toma lá dois mil réis... (Dá-lhe dinheiro)

JOSÉ - Aqui só estão dez tostões...

Cena V

ALBERTO e EMÍLIA

EMÍLIA (Fingindo surpresa) - Ui!

ALBERTO - Não se assuste... Não se assuste... Sou eu...

EMÍLIA - Quem foi que o autorizou...?

ALBERTO (Interrompendo-a) - Quando se ama, meu bem, não se quer saber de autorizações; o coração tudo autoriza e às leis que ele dita, não há desobediência possível.

EMÍLIA - Você tem lábias, tem...

ALBERTO - E lábios... para dizer que te amo, que te adoro, que és o sol de minha vida, a estrela de minha existência! (Ajoelha-se).

EMÍLIA - Ó gentes! Eu não sou santa, seu Alberto. Se alevante. (Alberto ergue-se). Mas estes estudantes são mesmo muito atrevidos! Ora se papai...

ALBERTO - Descansa; o José está à porta da rua para prevenir-nos...

EMÍLIA - Hei de contar a mamãe o desaforo de José! Você acha muito bonito andar de combinações com o moleque, não?

ALBERTO - O que eu acho é que foi com o teu consentimento que...

EMÍLIA (Depois de ir fechar a porta da esquerda) - Vamos ao que importa: o que me quer?

ALBERTO - O que te quero? Quero ver-te; falar-te; pintar-te ao vivo este amor; ouvir de ti mais uma vez que me amas.

EMÍLIA - Mesmo por você saber que o amo; por esperá-lo à janela para vê-lo passar e apertar-lhe a mão ou oferecer-lhe uma flor, é que você abusa! Ingrato! Fazer consentir em que tenha entrada aqui, sem papai nem mamãe saberem!...

ALBERTO - Es injusta, Milu, és muito injusta (Emília faz-lhe má cara). Está bem! Já não digo nada! Adeus! Não quero comprometê-la... (Dirige-se para a porta do fundo). Não quero abusar...

EMÍLIA - Alberto?

ALBERTO (Quase a sair) - Adeus.

EMÍLIA (Bate o pé) - Alberto!

ALBERTO (Volta à cena) - Milu?

EMÍLIA (Toma-lhe as mãos) - Você não é homem; você é o diabo!

ALBERTO - Queres dizer que sou mulher?

EMÍLIA - Por que não me pede a papai?

ALBERTO - Já te disse que isso tem seus quês: teu pai, disseste-me, quer casar-te com o filho de um seu compadre...

EMÍLIA - Meu pai não é homem que obrigue a filha casar-se à força!

ALBERTO - Ainda há outra coisa: eu tenho um tio...

EMÍLIA - Ah! Você tem um tio? Ainda não me havia dito...

ALBERTO - Pois de onde me vem a mesada? De meu tio... É preciso que me entenda com ele... Se faz-me as vezes de pai, não é muito natural que eu, que faço as vezes de filho, case-me sem ao menos dizer: Água vai.

EMÍLIA - E se ele puser alguma objeção?

ALBERTO - Não põe, não. Meu tio é muito meu amigo. É capaz de trepar ao céu, para ir buscar a lua, se eu lhe pedir. O mais que pode haver é alguma demorazinha... Já estou no quinto ano... Logo que me formar...

EMÍLIA - Logo que se formar, adeus... Ora, eu bem conheço estes estudantes! Mentem por quantas juntas têm!

ALBERTO - Então já gostaste de algum, antes de mim?

EMÍLIA - Ó gentes! Quem foi que disse?... (À parte). Só de três... (Alto). As minhas amigas é que me contam...

ALBERTO - Histórias! Se elas os merecessem, como me mereces, não havia motivo de queixa... (Toma-lhe as mãos). Sossega: prometo que hei de ser teu marido, a menos que te esqueças de mim.

CONTINUA

EMÍLIA - E posso contar com a mesma firmeza de sua parte?

ALBERTO - Ainda me perguntas?

EMÍLIA - Jure...

ALBERTO (Estende solenemente a mão) Juro.. (Outro tom). Pelo que queres que eu jure?

EMÍLIA - Por tudo quanto há de mais sagrado.

ALBERTO (Estende solenemente a mão) Por tudo quanto há de mais sagrado... Estás satisfeita?

EMÍLIA - Estou, sim; é impossível que você quebre um juramento tão bonito!

ALBERTO - Se já estivesse formado, jurava-te à fé de meu grau!

Cena VI

EMÍLIA, ALBERTO e JOSÉ

JOSÉ (Entra a correr) - Iaiázinha! Seu doutor! Fugam! Fugam... (Toda esta cena é rápida e de movimento).

ALBERTO E EMÍLIA - O que é? O que é?

JOSÉ - Quando dei por mim, sinhô velho já vinha por trás da igreja... Fugam, fugam!...

ALBERTO - Logo que ele entrar para o corredor, eu pulo pela janela. (Coloca-se atrás da janela).

EMÍLIA (Vai à janela e volta) - É impossível!

JOSÉ - Depressa!

ALBERTO (A Emília) - Por que?...

JOSÉ - Depressa!

ALBERTO (A Emília) - Mas por que, por que?

EMÍLIA - Seu Antônio está na porta.

ALBERTO - Quem é seu Antônio nesta vida?

EMÍLIA - É o maroto da venda...

JOSÉ - Chi! Uma língua danada! Quando não tem de quem falar, fala de si... Depressa! Sinhô velho já deve estar na porta... (Vai à porta e volta aflito, com as mãos na cabeça).

EMÍLIA - Estou perdida!...

CONTINUA

ALBERTO E EMÍLIA - O que é? O que é?

JOSÉ - Quando dei por mim, sinhô velho já vinha por trás da igreja... Fugam, fugam!...

ALBERTO - Logo que ele entrar para o corredor, eu pulo pela janela. (Coloca-se atrás da janela).

EMÍLIA (Vai à janela e volta) - É impossível!

JOSÉ - Depressa!

ALBERTO (A Emília) - Por que?...

JOSÉ - Depressa!

ALBERTO (A Emília) - Mas por que, por que?

EMÍLIA - Seu Antônio está na porta.

ALBERTO - Quem é seu Antônio nesta vida?

EMÍLIA - É o maroto da venda...

JOSÉ - Chi! Uma língua danada! Quando não tem de quem falar, fala de si... Depressa! Sinhô velho já deve estar na porta... (Vai à porta e volta aflito, com as mãos na cabeça).

EMÍLIA - Estou perdida!...

ALBERTO - Ah! Esta mesa. (Esconde-se debaixo da mesa).

REIS (Fora) - Vamos entrando...

EMÍLIA - E vem acompanhado... Meu Deus! O que sairá daqui?...

JOSÉ - Salve-se quem puder. (Vai saindo e Reis que entra com Bermudes, agarra-o pelo braço).

REIS (A José, no fundo) - Ó José, logo que vires o Manuel, aquele negro que foi capitão do canto da Soledade (tu o conheces...) com outro, carregando os baús do compadre, leva-os lá para o sótão... O carreto já está pago... Vai... (José sai; durante a cena que se segue, vêem-se passar pelo fundo os dois negros, carregando os baús; depois tornam a passar, em sentido contrário) com as mãos vazias. Alberto de vez em quando espia por baixo do pano que deve cobrir a mesa e mostra que está impaciente e mal acomodado).

Cena VII

EMÍLIA, ALBERTO, REIS e BERMUDES

BERMUDES (Sem reparar em Emília bem como Reis) - Você está num casão, compadre! Quanto paga por isto?

REIS - Trinta mil réis.

BERMUDES - Tem porões? (Senta-se junto à mesa).

REIS - Não; mas aqui a vizinha da esquerda tem e é quanto basta (Outro tom). Compadre, você vai para o sótão... para o quarto do Antonico, seu afilhado... Aquilo por lá é fresco... há de gostar.

BERMUDES - E onde está ele?

REIS - O sótão? É lá em cima... E só subir...

BERMUDES - Não; o Antonico.

REIS - Pois não lhe mandei dizer que foi para a Corte? Lá está na escola... escola... Ora, diabo! Esquece-me sempre o nome de tal escola... (Repara em Emília). Ó Milu! Estavas aí? Antes de me tomares a bênção, dize cá; como é o nome da escola em que está teu irmão, lá no Rio de Janeiro?

CONTINUA

EMÍLIA - Politécnica.

REIS - É isso... é isso... Poli...

BERMUDES - ... técnica. O nome é danado!

REIS (Dá a bênção a Emília, abraça-a e beija-a na testa) - Deus te faça santa! (A Bermudes) Aqui está minha filha, compadre; você não a conhece; quando veio a última vez à cidade, ela estava no Provi-

dência. Milu, tome a bênção ao compadre de papai...

BERMUDES - Qual a bênção! Venha de lá um abraço ao velho amigo de papai e da mamãe. (Ergue-se) A iaiá não faz idéia como éramos camaradas quando papai morava em Camamu. (Abraça-a) Éramos a corda e caldeirão... já lá vão uns bons vinte anos.

EMÍLIA - Papai fala-me muitas vezes em vocemecê.

BERMUDES - Pois não havia de falar? Entendíamo-nos perfeitamente! Camaradas em tudo: chapas combinadas para as eleições! Gostos iguais, etc., etc.! Que bons tempos! O que diz, compadre?

REIS - Mas ainda você não me disse nada da pequena.

BERMUDES - Pois que lhe hei de dizer? (Graceja) É muito feia... muito feia... muito desajeitada...

(Abraça-a de novo) Eh, eh! Mentira, iaiá! É um anjinho de Nossa Senhora. (A Reis) - Está satisfeito?

EMÍLIA (Enquanto Bermudes a abraça, a Reis) - Isso é debique de seu compadre; não é, papai?

REIS - O que sei é que és uma moça de muito juízo...

EMÍLIA (À parte, olhando com intenção para o esconderijo de Alberto) - Se ele soubesse...

BERMUDES - Mas onde está encantada esta comadre?...

REIS - Vai chamar mamãe, Milu; diga-lhe quem está cá.

EMÍLIA - É já, papai. (Vai saindo)

REIS - Olha: leva isto lá para fora. (Entrega-lhe chapéus e guarda-sóis seus e de Bermudes; Emília sai, olhando para o esconderijo de Alberto).

BERMUDES (Vendo-a sair) - Ora quem havia de dizer? Está uma moça, hein? Isto é que me faz velho... (Senta-se).

Cena VIII

REIS e BERMUDES

BERMUDES - Está mesmo que parece talhadinha para o rapaz! Que bonito casal! Estou certo que, em se vendo, ambos os dois hão de ficar de beijo caído...

REIS (Senta-se ao lado de Bermudes) - Eu também estou certo disso. (Um pouco embaraçado) Mas olhe, compadre, eu toquei nisso à pequena...

BERMUDES - Ah! Tocou?

REIS - Toquei, sim, compadre, toquei...

BERMUDES - Então toque... (Apresenta a mão a Reis que lha aperta) A pequena (já se sabe!) pulou de contente; não pulou, não?

REIS - Pelo contrário, compadre, torceu o focinho...

BERMUDES - Torceu?!

REIS - Torceu, compadre, torceu...

BERMUDES - Aqui é que a porca torce o rabo... Mas ora adeus! Eu não quero que os pequenos casem sem se conhecerem. Eles que namorem primeiro um ano, dois... e depois amarrem-se! Falem-se, estudem-se! Se gostarem um do outro, muito que bem; se não, já cá não está quem falou. Isso não vai a matar, nem vale a pena contrariá-los!

REIS - É que Milu... se não me engano...

BERMUDES - Se não se engana...

REIS (Com mistério) - Tem aí o seu namorico...

BERMUDES - Então está tudo acabado! (Erguem-se) Dê-se o dito por não dito e deixe-se correr o barco! O que você não deve, compadre, é constrangê-la; olhe que desses constrangimentos nasce muita coisa feia...

REIS - Aí vem a sua comadre.

Cena IX

ALBERTO, REIS, BERMUDES, FRANCISCA E JOSÉ

(Francisca entra da esquerda com as mãos lambuzadas de doce e as mangas arregaçadas e José do fundo).

FRANCISCA (Expansiva) - Ora viva o seu compadre!

BERMUDES - Ora viva a sinhá comadre! (Quer apertar-lhe a mão).

FRANCISCA (Foge com as mãos) - Estou com as mãos sujas! Estava dando ponto a um doce de araquá, de que o compadre há de gostar e lamber os beijos. Mas venha de lá esse abraço!... Cuidado! Não se suje!...

CONTINUA

BERMUDES (Antes de abraçar Francisca, a Reis) - Com sua licença compadre...
JOSÉ (Enquanto Bermudes e Francisca abraçam-se e depois conversam baixinho, aproxima-se de Reis) - Sinhô velho?
REIS - O que é que me queres, moleque?
JOSÉ - Sinhô dá licença para eu hoje vir tarde para casa?
REIS - O que é que tens de fazer na rua, vadio?...
JOSÉ - Hoje é véspera de Reis... e eu sou do rancho...
REIS - O que tu és sei eu! Vá lá... vá lá...
JOSÉ - Sinhô velho faz bilhete?
REIS - Não é preciso; é véspera de Reis: podes andar sem bilhete. (Dá-lhe dinheiro) Não vá beber caçaça, hein? (A Bermudes, mostrando José) Ó compadre, conhece esta peça?
BERMUDES - É um bonito moleque.
JOSÉ - Muito obrigado.
REIS (A José) - Cala a boca, moleque!
FRANCISCA - Já não se alembra dele, compadre?
REIS - O José... cria de nossa casa...?
JOSÉ - José Filomeno dos Reis, um criado de v.s....
FRANCISCA (A José) - Cala a boca, apresentado!
BERMUDES (Recordando-se) - Ah! agora me lembro! Mas como está crescido este moleque!
FRANCISCA - É muito vadio, compadre! Quando era pequenino...
BERMUDES - A comadre estimava-o muito...
REIS - Chegava mesmo a fazer-lhe a cama; agora, não vale o que come! (Bermudes e Francisca continuam a conversar baixinho).
JOSÉ (A Reis) - Posso ir, sinhô velho?
REIS - Vai. (José vai saindo) Ó que idéia! (Chama) José!
JOSÉ (Voltando) - Sinhô?
REIS (A Bermudes) - Vou festejar a sua chegada, compadre! (A José) Uma vez que tu és do rancho, quero que faças com que ele venha dançar aqui esta noite; ouviste?
JOSÉ - Sim, sinhô; eu faço de burrinha...
FRANCISCA - Você deita-me este moleque a perder, seu Reis! (A Bermudes) Todo o dia santo este moleque leva todo o santo dia na vadiação!
REIS (Sem dar ouvido a Francisca; a José) - Está bom! Se vierem, dou uma gorjeta; si não vierem, levavas uma dúzia de bolos!
JOSÉ - Antes quero a gorjeta, sinhô! (Sai correndo e cantarolando).
BERMUDES (A Reis) - Então, para festejar minha chegada, manda você dançar os Reis hoje, aqui... (A Francisca) O compadre é o mesmo: não mudou mesmo nada...
FRANCISCA - Deixe ele falar: aquilo é porque ele se chama seu Reis.
BERMUDES - Ah! Ah! Ah! A comadre teve graça! (A Reis) Também não mudou mesmo nada...
REIS (A Bermudes) - Mas ainda você não disse a D. Francisca...
FRANCISCA (Interrompe-o) - Lá vem seu Reis com D. Francisca! O cabeçudo ao pé de gente não é capaz de me tratar por D. Chiquinha...
BERMUDES - É costume antigo! Andavam sempre brigando por via disso em Camamu!
FRANCISCA - Aqui tem sido a mesma coisa! Veja lá, compadre! Com tantos anos de casados! E eu que embirro com semelhante nome de Francisca!
REIS (Maçado) - Pois vá lá D. Chiquinha... (Estala a língua).
FRANCISCA - Mas vamos a saber... (A Reis) O que ia você dizendo?
REIS - É que ainda o compadre não lhe disse o motivo que o trouxe à cidade... Mas você interrompe a gente...
BERMUDES - Venho à cidade por via daquela questãozinha de terras... A comadre lembra-se?
FRANCISCA - Não me lembro eu de outra coisa! Questãozinha, diz o compadre? Questãozona, digo eu! Que muitos cabelos brancos lhe fez criar!
BERMUDES - Ora! As terras eram minhas! A legitimação estava feita... (Sinal de assentimento de Reis e de Francisca. Pausa) Mas eu dormi no negócio...
REIS - Foi todo o seu mal, compadre!
BERMUDES - Mas agora o Coronel Casemiro...
FRANCISCA - Grandessíssimo cão! Não me hei de esquecer do dia em que ele me veio convidar para substituir a professora pública, que vinha doente para a cidade!
REIS - Ora! Aquilo é um vira-casaca muito desavergonhado!
FRANCISCA - Quando o bruto sabia perfeitamente que eu não sei ler!

CONTINUA

BERMUDES - Não se admire, comadre, não se admire, porque ali por esse interior velho muita gente ensina aquilo que não sabe!...

REIS - Mas vamos à questão...

BERMUDES - O Coronel Casemiro apresenta documentos de que as terras são dele! "Oh! digo eu cá comigo, esta agora fia mais fino!" Entreguei a minha causa nas mãos do Secundino Barbosa...
... Ora!

RANCISCA - Quem? Aquele rabule que brigou a soco com seu Reis nas eleições de 54?...

REIS - E por sinal que me partiu dois dentes, (Mostra a falta dos dentes e fala com a boca aberta) que nunca mais tornaram a nascer!

BERMUDES - Esse mesmo! (Em tom lamentoso) Ah! compadre! (Toma a mão de Reis) Ah! comadre! (Toma a de Francisca, esquecendo-se de que esta' suja) Aquele homem foi a morte de minha causa!

FRANCISCA E REIS - Sim? Deveras?

BERMUDES (Abandona-lhe as mãos com desânimo) - E talvez seja a causa da minha morte! (Limpa a mão que pegou a de Francisca).

REIS - Ora não pense nisso!

FRANCISCA - Ponha o coração à larga, compadre...

BERMUDES - Tem razão, compadre; tem razão, comadre; ambos os dois têm razão. (Alegra-se aos poucos). Principalmente hoje, véspera de Reis é dia de alegria, porque vi a vocemecês, à menina, e amanhã verei também meu sobrinho. O tratante anda sempre a mudar-se e então agora está em férias: não posso procurá-lo na Academia. Olhem que aquele rapaz é o meu pecado! Mas, graças às cabaças, está quase senhor doutor e pronto para mandar gente para o outro mundo... Pouco se me dá dos cobritos que tenho gasto com ele neste!

FRANCISCA - E o que me diz a respeito de umas certas cartinhas trocadas entre seu Reis e o compadre?

BERMUDES - Já não se fala nisso! A moça gosta de outro e amor não é imposto pessoal.

FRANCISCA - Eu já não penso assim! Bem podíamos mostrar a Milu o verdadeiro caminho da felicidade...

REIS - Asneira no caso!

BERMUDES (Sentencioso) - Comadre, o verdadeiro caminho da felicidade é aquele em que a gente anda por seu gosto e não aquele para onde nos empurram.

REIS - Apoiado! Casem-se à vontade as moças e depois lá se avenham!

FRANCISCA - O compadre já sabe que seu afilhado...

BERMUDES - Já. Já sei que está na escola... na escola... (Á Reis) Como é o nome da escola, compadre?

REIS - Escola... escola... Como é, D. Francisca?

FRANCISCA (Zangada) - Dona Francisca, hein?...

REIS (Emenda) - Como é, D. Chiquinha?

FRANCISCA - Ora! Eu tenho o nome debaixo da língua...

BERMUDES - Eu também...

REIS - Eu também... (Chama) Milu, ó Milu! (Emília responde de dentro com um grito).

REIS E FRANCISCA - Vem cá...

OS TRÊS - Escola... escola... Ora!

PROTAGONISTAS

ALBERTO
BERMUDES
EMILIA
FRANCISCA
JOSÉ
REIS

PROCISSÃO DE SÃO BENEDITO DO LAGARTO



Em vários pontos — quase poderíamos dizer — em todos os recantos do território capixaba (Espírito Santo), guarda-se ainda a velha tradição da *puxada*, ou da *fincada do Mastro* frente à igreja do lugar. Na ponta do mastro, oscilando ao vento, a *Bandeira* do santo padroeiro.

Tal tradição nos vem de longes tempos, e, segundo o nosso padre Antunes de Sequeira, já os jesuítas, na "festa religiosa consagrada às Onze mil Virgens, de que eram chefes Santa Córdula e Santa Úrsula, além de São Miguel, erguiam aqui em Vitória, "um mastro, tendo na grimpá uma bandeira simbólica", que se levantava "em frente à igreja do Colégio (hoje Palácio do Governo), na tarde do dia 29 de setembro" (*Esboço histórico dos Costumes do povo espírito-santense*, Rio, 1893, p, 50).

À festa do mastro se referem nossos primeiros folcloristas. Pereira da Costa, por exemplo, em seu "Folk-lore Pernambucano" (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio, 1908, tomo LXX, parte 11, p. 194) faz menção às "bandeiras de diversos santos", conduzidas em procissão, e "hasteadas em um mastro em frente à igreja". Fala aí das famosas bandeiras de Nossa Senhora da Saúde, de Santo Amaro das Salinas e Nossa Senhora do Monte, em Olinda, a cujas festas, imponentes e aparatosas, concorria sempre grande massa popular. Registra a festança dos negros escravos, com a bandeira de São Benedito, lembrando a que se realizou em Olinda, lá pelo ano de 1315.

Também Melo Morais Filho, em suas *Festas e Tradições populares do Brasil* (3.^a edição, revista e anotada por mestre Câmara Cascudo, Rio, 1946), descreve, à página 97, no capítulo "A Procissão de São Benedito no Lagarto", em Sergipe, a mesma festa popular do *mastro*, "fincado no largo do Rosário, em frente à igreja". E esclarece: Esse *mastro*, que ficara do ano antecedente, deixava flutuar no topo uma bandeira branca com a estampa de São Benedito". Desse mastro do querido santo preto, mastro "untado de cebo", pendiam, presos por cordéis, ananazes e outras frutas, garrafas de vinho, caixas de doces, prêmios vários, disputados pela "molecada infrene", em alarido estrepitoso, na divertida competição de trepar nesse escorregadio "pau de cebo".

A festa do mastro, que se realiza em quase todo o Espírito Santo, mantém ainda vestígios marcantes dessas velhas festividades doutros tempos. A mesma vibração popular, contagiante e contrita, durante o desenrolar da festa toda; a condução do mastro, pelos fiéis, "dançando e cantando, em torno da igreja e em giro pelas ruas" (Melo Morais, id. 98); o fincamento do mastro frente à igreja, ao festivo repicar dos sinos e ao espocar bulhentoso dos foguetes; a serventia do mastro como "pau de cebo", fato que ainda se pode ver algures, no Espírito Santo.

Mas, a esses aspectos *comuns*, acrescentam-se, entre nós, outros vários, que não deparamos referidos nos registros folclóricos doutras terras.

Dias antes da festa do santo, procede-se à *cortada do mastro*, a ela comparecendo os festeiros e grande massa de povo, sacudidos todos pela cadenciada vibração dos *congos*. O mastro, espichado ao comprido no chão, é arrastado por fortes correntes, presas a várias juntas de bois, enfeitados, canga e chifres, com guirlandas de flores e folhagens. Na data adequada — véspera ou dia do santo padroeiro da localidade — concorre a promíscua massa dos fiéis e devotos, para conduzir o mastro aos ombros, ou arrastá-lo pelo chão com cordas, ou puxá-lo num *barco*, *barca* ou *navio*, improvisado sobre rodas.

Essa embarcação que, segundo as posses dos festeiros, pode ser caprichada no acabamento e formato de nau, com mastros e velame embandeirados, ou pode ser simplesinha, *fingindo* apenas o barco — essa embarcação, que é o povo quem *puxa* por meio de uma ou duas compridas cordas, se instala sobre um carro de bois, ou carroça, ou carreta, em geral de duas rodas. Deitado ao longo da barca se depõe o *mastro*, em cuja extremidade mais estreita se prepara uma parte roliça, de um metro e meio de comprimento, onde será encaixada, no ato de fincar o mastro, a *bandeira* do santo.

Há mastros trabalhados com arte, roliços ou facetados, pintados de uma ou várias cores e desenhos; outros, porém, são toscos e ásperos, quase de grossura natural, menos na ponta ou "grimpá", onde se deve colocar a *bandeira*. Esta, que, via de regra, ostenta a efígie do santo, pintada a cores sobre tela ou pano, ou em estampa de papel aí colada — se arma numa moldura de madeira de variada largura e comprimento Nessa armação ou "guarda", se fazem dois orifícios — na haste superior e na inferior — os quais se encaixam no topo roliço do mastro, o que permite a oscilação da bandeira, lá no alto, ao sopro ou capricho do vento.

Quer o *mastro* e a *bandeira*, quer o *barco*, se renovam anualmente, competindo aos festeiros, eleitos ou espontaneamente apresentados, o encargo de prepará-los e oferecê-los para a festa do ano seguinte, fato que constitui honraria das mais altas e disputadas.

CONTINUA



A forma de puxada do mastro por meio de *barca* sobre carro, sabemos praticada na cidade da Serra — desde época recuada e difícil de precisar — e em Pitanga, Manguinhos, Nova Almeida, Goiabeiras, Novo Brasil, Timbuí e Fundão.

Festa do mastro, com a mesma vibração, mas sem a presença do *navio*, realiza-se, em louvor de São Sebastião, em Nova Almeida e Conceição da Barra; em louvor de São Pedro, na praia de Jacaraípe, município da Serra. A festa do mastro de São Benedito, sem a participação da *barca*, temos conhecimento que se verifica em Caieira Velha, Sauaçu, Ubu, Valão, Ibirapu, João Neiva, Ponta dos Castelhanos, São Gabriel da Palha, São Mateus, Conceição da Barra e Itaúnas.

Em Vitória, para a secular igreja do Rosário, conduzia-se, outrora, em festa náutica e possível dramatização da xácara da "Nau Catarineta" — o mastro dedicado a Santa Catarina. Isto ocorria a 25 de novembro, dia a ela consagrado. Depois, em dezembro, por ocasião das festas dos "Peroás" e "Caramurus", devotos de São Benedito, era o mastro com bandeira deste santo que se levantava frente à igreja, no mesmo local em que ainda hoje se ergue, sem quase vestígios das cerimônias tradicionais daqueles recuados tempos.

Segundo informação que nos prestou João Francisco de Oliveira, velhinho dos seus 90 anos, de memória aguçada e fala viva — em 1897 ele, recentemente chegado da Bahia, sua terra, promoveu, em Vitória, uma festa do mastro de São Benedito, fincado em frente à igreja de Nossa Senhora da Conceição, destruída, depois, para se levantar o Teatro Melpômene, na praça, hoje chamada Costa Pereira, ou da Independência. E conta o informante que Dona Colatina, esposa do Presidente Muniz Freire, foi quem ajudou a levar a *bandeira* do santo, na procissão, até o local onde se fincou o mastro.

Vale bem a pena assistir, por este Espírito Santo a dentro, às belas e pitorescas festas da *cortada*, ou da *puxada* e *fincada* do *Mastro*, festas tradicionais em terras capixabas, festas ao mesmo passo religiosas e profanas, a cujas recuadas origens procurou chegar Mestre Câmara Cascudo, vasculhando a história e a lenda, em seu erudito estudo "O mastro de São Benedito e Isis Pelágia".



A VÉSPERA DE SÃO JOÃO



A VÉSPERA DE SÃO JOÃO (Sergipe)

Na véspera de São João nas belas plagas do norte, como foram alegres outrora aqueles sítios, aquelas vilas e povoados incultos, aqueles sertões vastíssimos e maravilhosos, comemorando em tradicionais festejos o nascimento do Batista!...

Aquele povo, religioso e ativo, voltado por índole às superstições e aos folguedos, influía-se por tal forma nessa fase ânua, caracterizava-se por tal modo com colorido próprio, que a descrição desses personagens e costumes constitui um verdadeiro quadro de gênero a suspendermos aos muros do passado, onde as inscrições de nossa nacionalidade se apagam quase a olhos fitos.

Apesar de generalidades em pouco dessemelhantes em todo o norte do Brasil, era em Pernambuco e Sergipe, onde a véspera de São João primava pelos aprestos e pela promiscuidade dos tipos que figuravam em grupos, pelas apoteoses verdadeiramente teatrais que adornavam a noite de flamas intensas ou moribundas, que lá se iam refletir nos horizontes matinais como largos borrões violáceos e alaranjados.

Recolhendo mais diretamente da Bahia a nota capital dos festejos, era em Sergipe e particularmente na vila do Lagarto que a tradição se perpetuava com o verdor primitivo, enfeixando num momento dado o elemento lendário e o elemento popular, na quinta essência do seu perfume e de suas pitorescas exibições.

O local escolhido nessa vila para o grosso dos festejos era a praça da Matriz, onde desembocavam várias estradas da Estância e Simão Dias, campeando a garrida esplanada entre a mata e o sertão, entre a lagoa dos Missionários e a do Padre Pacheco.

Daí as alvas torres da Piedade e do Rosário erguiam-se absolutas às vistas crenes dos sertanejos, contornando estes templos ampla cintura de pequenas casas, rudemente arquitetadas e dispostas.

Desde o amanhecer tornava-se esse largo curioso e encantado pelo movimento que se desenvolvia, pelo antecipado regozijo dos habitantes, por uma dezena de coisas outras que atraíam a muitos e em que se empenhavam não poucos.

Dias antes longos bambus cortavam-se no mato para os foguetes em preparo; os principais da folia acondicionavam em alforjes rojões, roqueiras, craveiros, busca-pés, etc., entrando em várias casas carregados com cestos de milho verde, carás, batatas, aipins, cocos, inhames, ovos e o mais necessário às tradicionais ceias de São João.

Nas salas arrumadas, acercados de velas de cera, lá se achavam os oratórios e os tronos, que descansavam em custosas toalhas de crivo a pequena imagem de São João, em frente da qual as gentis matutas, os escravos e as famílias haviam rezado as clássicas novenas e ladainhas.

Aos primeiros clarões do dia, diversas árvores, com especialidade palmeiras, barulhavam arrastadas por foliões em tropa, que cavando oportunamente a terra as plantavam, amarrando-lhes em volta do topo de carás, milhos, cocos e feixes de cana, ao mesmo tempo que tabaréus possantes arriavam do ombro pesados troncos e precisa lenha, contornando-as em fogueiras.

Barricas repletas de combustíveis, cabeças de alcatrão fincadas ao acaso, mastros encimados de boneca, todos os acessórios enfim descortinavam-se de um olhar, não sendo raros no lufa-lufa os vivas a São João, as resingas, as quedas no atropelo, as cantarolas e as gargalhadas, que amenizavam a lida e consagravam o dia.

Eis senão quando, para mais acentuar o ritual da noite, à semelhança de saltitantes pombas ao alvorecer dos ninhos, moças e crianças ornadas de floridas capelas, vestidas de branco e enfeitadas de fitas transpunham alvissareiras as salas festivas, dançando cadenciadas e belas, cantando trovas populares.

Capelinha de melão

É de São João;

É de cravo, é de rosas,

É de manjericão.

E isso lhes dava entrada nos folguedos do lar e ao relento, continuando em langoro e ardente ritmo mais outros cantares.

Anda à roda, candeieiro,

Anda à roda sem parar.

Que aquele que errar

Candeieiro há de ficar.

Candeieiro...ó!...

Está na mão de ioiô!

Candeieiro...á!...

Está na mão de iaiá!...

CONTINUA

Essas cenas, esses preparativos iam até o entardecer, em que as máquinas (balões) pontuavam de fogo o ar obscuro, e a molecada e os moradores acendiam as secas achas das fogueira e os primeiros rojões faziam-se ouvir, levantando os ecos do além.

Pouco a pouco, animando-se os brinquedos, das janelas abertas as moças e os rapazes acendiam pistolas, rodinhas e craveiros, que formavam, sustidos em braços rompentes, lençóis de fogo, tiros cujas *lágrimas* caíam, quais gemas líquidas nas paredes fronteiras e no chão da praça, ao passo que moradores, visitas, gente que vinha de longe tumultuava do lado de fora. Dispersos ou alinhados em partidos, empenhando-se até por adiantadas horas da noite singulares combates de busca-pés, facheados em destrás enluvadas de couro, sendo comum verem-se mulheres tomando parte na luta, ao fervor da qual, aos clarões do fogo, arrepanhando as saias e erguendo a perna, os arremessar por baixo, indo as tabocas fumegantes cair nos arraiais hostis, onde rebentavam com estrondo.

E no meio da algazarra, da confusão sem termo, dos estalos das árvores que ruíam crestadas pelas chamas de assovios e das gargalhadas, ouviam-se intermitentes tradicionais cantigas, entoadas pelos meninos e moleques beirando os braseiros:

- São João é um?
- Será ou não!
Tatu no mato
Com seu gibão,
Um pé calçado,
Outro no chão.
- Viva São João!...

E ao lado das pretas velhas, nos espaçosos quintais, no lar das famílias, aos estalos das *bichas*, aos espirros das rodinhas, ao estourar das bombas, ao efeito das *carretilhas* e de outros fogos, cantavam os felizes convivas a conhecida quadra popular:

Se São João soubesse
Que era hoje o seu dia.
Descia do céu à terra
Com prazer e alegria.

E os bacamartes e as roqueiras estrugiam na praça e nas estradas, os alforjes refaziam-se de provisões, a tiracolo dos lutadores, e os cocos, as canas e os inhames começavam cair do cimo das embaúbas nas fogueiras crepitantes, que tinham por guarda de honra os meninos traquinas, e os endiabrados moleques, que os retiravam dos leitos brasas de tições, para comer aos pinotes, soprando, queimando-se.

No mais intenso do folguedo escutavam-se, de par com os ecos das roqueiras, tropéis de cavalos nas estradas, e em breve, tomando fabuloso aspecto, senhores de engenho e seus pajens transpunham a praça da Matriz, trajados de branco, de botas e luvas de couro, talhando a escuridão com busca-pés acesos, e pulando a cavalo colossais fogueiras, ao lado das quais, estendidas ao longo, incendiadas palmeiras pareciam cometas abatidos no campo de luta.

Nos domicílios francos as matronas rusgavam com as escravas, preparando as mesas: e graciosas moças, os primos e primas, lançavam os dados consultando livros de sortes, os cartões do *Oráculo das Damas*, e cogitavam de predições obtidas à meia-noite.

De vez em quando, uma cadeira caía daqui, a mesa revirava dacolá, uma manga de vidro partia-se no chão; e espavoridos bandos corriam em alarido, barafustando pelos quartos, pelos corredores, pelo interior da casa: era algum busca-pé desgarrado que chiava junto das saia da mulata velha, que espevitava devota os morrões nas banquetas do santo.

Passado o incidente, tudo entrava na ordem habitual, recrudescendo incessantes no largo as rumorosas justas, as repetidas vaías a um busca-pé *encovado*, ao desastre de um *chibu*.

Animados destarte os tradicionais brinquedos, repletas as mesas da fina canjica de milho verde, manauês, carás, melado, excelentes garrafas de vinho do Porto, e o mais que serviam-se os convidados e a família entre entusiásticos vivas e estrepitosas *saúdes*, apenas o relógio da torre batia meia-noite, novas e múltiplas cenas iam ter lugar, invariáveis em todo Brasil.

Entre a luz – São João, e as trevas – o demônio, desdobrava-se um crepúsculo que a imaginação popular ilustrava de superstições.

E tarde, bem tarde, aos incêndios do largo, montado em seu cavalo negro, como o terceiro cavaleiro do Apocalipse, o último senhor de engenho arrojava-se fantástico, saltando duas e mais fogueiras, aos clamores vitoriosos dos festejadores em turmas, ao assombro das famílias atenta às janelas.

"Ao nascer do sol – porque depois as águas perderiam sua virtude – tomava-se o banho de São João, que gozava de propriedade miraculosas."

CONTINUA

E festivos em bandos, povoando as estradas ermas, moças e rapazes lá iam banhar-se nas fontes, ouvindo-se entremeados de danças, de pequenas corridas, de expansivas risadas, nativos trovares:

Ó meu São João,
Eu vou me lavar;
Se eu cair no rio
Mande-me tirar.

No mesmo diapasão, aos frios matinais, as tabaroas e os matutos descantavam de volta quadrinha adequada:

Ó meu São João
Eu já me lavei;
As minhas mazelas
No rio deixei.

No vastíssimo cenário de infantis credices do povo brasileiro, uma se destaca de tão bela, tão perfumada de inocência e candura que nos leva direito aqui reproduzi-la.

Era da crença popular que, nessa noite, São João a pedido de seus devotos e festejadores, baixava do céu, vindo ver sua festa e abençoar as fogueiras, ficando *marcadas* as que fossem encontradas às escuras...

E a ortodoxia da lenda era respeitada e seguida em quase todo o norte, derradeiro refúgio dos nossos costumes e das nossas tradições.



O 2 de Julho - A Independência da Bahia

A comemoração do dia 2 de Julho é uma celebração às tropas do Exército e da Marinha Brasileira que, através de muitas lutas, conseguiram a separação definitiva do Brasil do domínio de Portugal, em 1823. Neste dia as tropas brasileiras entraram na cidade de Salvador, que era ocupada pelo exército português, tomando a cidade de volta e consolidando a vitória.

Esta é uma data máxima para a Bahia e uma das mais importantes para a nação, já que, mesmo com a declaração de independente, em 1822, o Brasil ainda precisava se livrar das tropas portuguesas que persistiam em continuar em algumas províncias. Então, pela sua importância, principalmente para os baianos, todos os anos a Bahia celebra o 2 de Julho. Tropas militares relembram a entrada do Exército na cidade e uma série de homenagens são feitas aos combatentes.

Entre todas as comemorações, a do ano de 1849 teve um convidado muito especial. O marechal Pedro Labatut, que liderou as tropas brasileiras nas primeiras ofensivas ao Exército Português, participou do desfile, já bastante debilitado e sem recursos financeiros, mas com a felicidade de homenagear as tropas das quais fez parte.

Para chegar a este dia, muita luta foi travada...

O Brasil do início do século XVIII ainda era dominado por Portugal, enquanto o Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais e a Bahia continuavam lutando pela independência. As províncias não suportavam mais a situação e, percebendo os privilégios que o Rio de Janeiro estava recebendo por ser a capital, Pernambuco e Bahia resolveram se rebelar. Recife deu início a uma revolução anti-colonial em 6 de março de 1817. Esta revolução tinha uma ligação com a Bahia, já que havia grupos conspiradores compostos por militares, proprietários de engenhos, trabalhadores liberais e comerciantes. Ao saber desta movimentação, o então governador da Bahia, D. Marcos de Noronha e Brito advertiu alguns deles pessoalmente.

O governo estava em cima dos conspiradores e, devido à violenta série de assassinatos, muitos baianos resolveram desistir. Com toda esta repressão, a revolução de Recife acabou sendo derrotada. Os presos pernambucanos foram trazidos para a Bahia, sendo muitos fuzilados no Campo da Pólvora ou presos na prisão de Aljube, onde grandes personagens baianos também estavam presos.

Movimentação pela independência:

Diante das insatisfações, começaram as guerras pela independência. Os oficiais militares e civis baianos passaram a restringir a Junta Provisória do Governo da Bahia, que ditava as ordens na época, e com esta atitude foi formado um grupo conspirativo que realizou a manifestação de 3 de Novembro de 1821.

Esta manifestação exigia o fim da Junta Provisória, mas foi impedida pela "Legião Constitucional Lusitana", ordenada pelo coronel Francisco de Paula e Oliveira. Os dias se passaram e os conflitos continuavam intensos. Muitos brasileiros morreram em combate.



Força portuguesa:

No dia 31 de Janeiro de 1822 a Junta Provisória foi modificada. E depois de alguns dias, chegou de Portugal um decreto que nomeava o brigadeiro português, Ignácio Luiz Madeira de Mello, o novo governador de Armas.

Os oficiais brasileiros não aceitavam esta imposição, pois este decreto teria que passar primeiro pela Câmara Municipal. Houve, então, forte resistência que envolveu muitos civis e militares.

Madeira de Mello não perdeu tempo e colocou as tropas portuguesas em prontidão, declarando que iria tomar posse. No dia 19 de fevereiro, os portugueses começaram a invadir quartéis, o forte São Pedro, inclusive o convento da Lapa, onde haviam alguns soldados brasileiros. Neste episódio, a abadessa Sónor Joana Angélica tentou impedir a entrada das tropas, mas acabou sendo morta.

Concluída a ocupação militar portuguesa em Salvador, Madeira de Mello fortaleceu as ligações entre a Bahia e Portugal. Assim a cidade recebeu novas tropas portuguesas e muitas famílias baianas fugiram para as cidades do recôncavo.

Contra-ataque brasileiro:

No recôncavo, houve outras lutas para a independência das cidades e o fortalecimento do exército brasileiro. O coronel Joaquim Pires de Carvalho reuniu todo seu armamento e tropas e entregou o comando ao general Pedro Labatut. Este, assim que assumiu, intimidou Madeira de Mello.

Labatut organizou todo seu exército em duas brigadas e iniciou uma série de providências. Aos poucos o exército brasileiro veio conquistando novos territórios até chegar próximo a cidade de Salvador.

Madeira de Mello recebeu novas tropas de Portugal e pretendia fechar o cerco pela ilha de Itaparica e Barra do Paraguaçu. Esta atitude preocupava os brasileiros, mas os movimentos de defesa do território cresciam. E foi na defesa da Barra do Paraguaçu que Maria Quitéria de Jesus Medeiros se destacou, uma corajosa mulher, que vestiu as fardas de soldado do batalhão de "Voluntários do Príncipe" e lutou em defesa do Brasil.

Em maio de 1823, Labatut, em uma demonstração de autoridade, ordenou prisões de oficiais brasileiros, mesmo sendo avisado do erro que estava cometendo, e acabou sendo cassado do comando e preso. O coronel José Joaquim de Lima e Silva assumiu o comando geral do Exército e no dia 3 de Junho ordenou uma grande ofensiva contra os portugueses. Com a força da Marinha Brasileira, o coronel apertou o cerco contra a cidade de Salvador, que estava sob domínio português, restringindo o abastecimento de materiais de primeira necessidade. Diante destes fortes ataques e das necessidades que estavam passando, Madeira de Mello enviou apelos e acabou se rendendo. Com a vitória, o Exército Brasileiro entrou em Salvador consolidando a retomada da cidade e fim da ocupação portuguesa no Brasil.

O Entrudo - Carnaval



O carnaval foi introduzido no Brasil pelos portugueses, provavelmente no século XVII, com o nome de entrudo. Essa forma de brincar, que persistiu durante a Colônia e a Monarquia, consistia num folgado alegre mas violento. As pessoas atiravam umas nas outras água com bisnagas ou limões de cera e depois pó, cal e tudo que tivessem às mãos. Combatido como jogo selvagem, o entrudo prevaleceu até aparecerem elementos de brincar menos agressivos, como o confete, a serpentina e o lança-perfume. Daí em diante, através dos tempos, o carnaval foi inovando. Em 1840 realizou-se o primeiro baile. Em 1846 surgiu o Zé Pereira, grupo dos foliões de rua com bombos e tambores. Vieram depois os cordões, as sociedades carnavalescas, blocos e ranchos. O *corso*, hoje desaparecido, consistia num desfile de carros pelas ruas da cidade, todos de capota arriada, com foliões fantasiados atirando confetes e serpentinas uns nos outros. Em 1929, foi fundada a primeira escola de samba (*Deixa Falar*), no bairro carioca do Estácio, seguida de várias outras, no Rio de Janeiro e em outros estados. (Ver: História do Carnaval PAGINA 06)

Danças Folclóricas do Brasil

O que são danças folclóricas, coreografia, músicas, instrumentos musicais, história, principais danças, aspectos culturais



Maracatu: dança folclórica típica de Pernambuco

Introdução

As danças sempre foram um importante componente cultural da humanidade. O folclore brasileiro (veja a seguir) é rico em danças que representam as tradições e a cultura de uma determinada região. Estão ligadas aos aspectos religiosos, festas, lendas, fatos históricos, acontecimentos do cotidiano e brincadeiras. As danças folclóricas brasileiras caracterizam-se pelas músicas animadas (com letras simples e populares), figurinos e cenários representativos. Estas danças são realizadas, geralmente, em espaços públicos: praças, ruas e largos.

Principais danças folclóricas do Brasil

Samba de Roda

Estilo musical caracterizado por elementos da cultura afro-brasileira (VEJA PÁGINA SEGUINTE). Surgiu no estado da Bahia, no século XIX. É uma variante mais tradicional do samba. Os dançarinos dançam numa roda ao som de músicas acompanhadas por palmas e cantos. Chocalho, pandeiro, viola, atabaque e berimbau são os instrumentos musicais mais utilizados.

Maracatu

O maracatu é um ritmo musical com dança típico da região pernambucana. Reúne uma interessante mistura de elementos culturais afro-brasileiros, indígenas e europeus. Possui uma forte característica religiosa. Os dançarinos representam personagens históricos (duques, duquesas, embaixadores, rei e rainha). O cortejo é acompanhado por uma banda com instrumentos de percussão (tambores, caixas, taróis e ganzás).

Frevo

Este estilo pernambucano de carnaval é uma espécie de marchinha muito acelerada, que, ao contrário de outras músicas de carnaval, não possui letra, sendo simplesmente tocada por uma banda que segue os blocos carnavalescos enquanto os dançarinos se divertem dançando. Os dançarinos de frevo usam, geralmente, um pequeno guarda-chuva colorido como elemento coreográfico.

Baião

Ritmo musical, com dança, típico da região nordeste do Brasil. Os instrumentos usados nas músicas de baião são: triângulo, viola, acordeom e flauta doce. A dança ocorre em pares (homem e mulher) com movimentos parecidos com o do forró (dança com corpos colados). O grande representante do baião foi Luiz Gonzaga.

Catira

Também conhecida como cateretê, é uma dança caracterizada pelos passos, batidas de pés e palmas dos dançarinos. Ligada à cultura caipira, é típica da região interior dos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Goiás e Mato Grosso. Os instrumento utilizado é a viola, tocada, geralmente, por um par de músicos.

Quadrilha

É uma dança típica da época de festa junina. Há um animador que vai anunciando frases e marcando os momentos da dança. Os dançarinos (casais), vestidos com roupas típicas da cultura caipira (camisas e vestidos xadrezes, chapéu de palha) vão fazendo uma coreografia especial. A dança é bem animada com muitos movimentos e coreografias. As músicas de festa junina (Veja matéria nas páginas seguintes) mais conhecidas são: Capelinha de Melão, Pula Fogueira e Cai,Cai balão.

A ARTE AFRO-BRASILEIRA

Introdução

A arte africana é um conjunto de manifestações artísticas produzidas pelos povos da África ao longo da história.

CONTINUA

História e características da arte africana

O continente africano acolhe uma grande variedade de culturas, caracterizadas cada uma delas por um idioma próprio, tradições e formas artísticas características. O deserto do Saara atuou e continua atuando como uma barreira natural entre o norte da África e o resto do continente. Os registros históricos e artísticos demonstram indícios que confirmam uma série de influências entre as duas regiões. Estas trocas culturais foram facilitadas pelas rotas de comércio que atravessam a África desde a antiguidade.

Podemos identificar atualmente, na região sul do Saara, características da arte islâmica, assim como formas arquitetônicas de influência norte-africana. Pesquisas arqueológicas demonstram uma forte influência cultural e artística do Egito Antigo nas civilizações africanas do sul do Saara.

A arte africana é um reflexo fiel das ricas histórias, mitos, crenças e filosofia dos habitantes deste enorme continente. A riqueza desta arte tem fornecido matéria-prima e inspiração para vários movimentos artísticos contemporâneos da América e da Europa. Artistas do século XX admiraram a importância da abstração e do naturalismo na arte africana.

A história da arte africana remonta o período pré-histórico. As formas artísticas mais antigas são as pinturas e gravações em pedra de Tassili e Ennedi, na região do Saara (6000 AC ao século I da nossa era). No Brasil, especialmente no Estado da Bahia, podem ser vistos ainda nos dias de hoje, uma imensidão de vestígios culturais de origem genuinamente africana; cultos, culinária, festas e formas de vida.

VER: "OS CUCUMBIS" PÁGINA 40"

LETRAS DE MUSICA DAS FESTAS JUNINAS



CAPELINHA DE MELÃO

autor: João de Barros e Adalberto Ribeiro

Capelinha de melão
é de São João.
É de cravo, é de rosa, é de manjericão.

São João está dormindo,
não me ouve não.
Acordai, acordai, acordai, João.

Atirei rosas pelo caminho.
A ventania veio e levou.
Tu me fizeste com seus espinhos uma coroa de flor.

CAI, CAI, BALÃO

autor: desconhecido

Cai, cai, balão.
Cai, cai, balão.
Aqui na minha mão.
Não vou lá, não vou lá, não vou lá.
Tenho medo de apanhar.

CONTINUA

PEDRO, ANTÔNIO E JOÃO

autor: Benedito Lacerda e Oswaldo Santiago

Com a filha de João
Antônio ia se casar,
mas Pedro fugiu com a noiva
na hora de ir pro altar.

A fogueira está queimando,
o balão está subindo,
Antônio estava chorando
e Pedro estava fugindo.

E no fim dessa história,
ao apagar-se a fogueira,
João consolava Antônio,
que caiu na bebedeira.

BALÃOZINHO

autor: desconhecido

Venha cá, meu balãozinho.
Diga aonde você vai.
Vou subindo, vou pra longe, vou pra casa dos meus pais.

Ah, ah, ah, mas que bobagem.
Nunca vi balão ter pai.
Fique quieto neste canto, e daí você não sai.

Toda mata pega fogo.
Passarinhos vão morrer.
Se cair em nossas matas, o que pode acontecer.
Já estou arrependido.
Quanto mal faz um balão.
Ficarei bem quietinho, amarrado num cordão.

SONHO DE PAPEL

autor: Carlos Braga e Alberto Ribeiro

O balão vai subindo, vem caindo a garoa.
O céu é tão lindo e a noite é tão boa.
São João, São João!
Acende a fogueira no meu coração.

Sonho de papel a girar na escuridão
soltei em seu louvor no sonho multicolor.
Oh! Meu São João.

Meu balão azul foi subindo devagar
O vento que soprou meu sonho carregou.
Nem vai mais voltar.

PULA A FOGUEIRA

autor: João B. Filho

Pula a fogueira laiá,
pula a fogueira loiô.
Cuidado para não se queimar.
Olha que a fogueira já queimou o meu amor.

Nesta noite de festança
todos caem na dança
alegrando o coração.
Foguetes, cantos e troca na cidade e na roça
em louvor a São João.

Nesta noite de folguedo
todos brincam sem medo
a soltar seu pistolão.
Morena flor do sertão, quero saber se tu és
dona do meu coração.

Fim

(por agora mas, tem muitas outras que iremos aprender)

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

DIA 7 DE SETEMBRO



História da Independência do Brasil, 7 de setembro, Dom Pedro I, Independência ou Morte, Grito do Ipiranga, Brasil Independente, Brasil Império, Constituição de 1824, José Bonifácio, Dia do Fico.



Retrato de D. Pedro I : primeiro imperador do Brasil

RESUMO

Antecedente: a Família Real no Brasil

- Napoleão invade Portugal e força a vinda da corte portuguesa ao Brasil
- a Corte portuguesa chega ao Brasil em 1808 (instala-se no Rio de Janeiro)
- A Abertura dos Portos as nações amigas: Inglaterra
- Realizações de D.João: criação do Banco do Brasil, Jardim Botânico, Teatro Real, Imprensa Régia, Escola Médica

O processo de Independência do Brasil

- portugueses exigem a volta da família real
- D.Pedro fica no Brasil como príncipe regente
- Portugal quer recolonizar o Brasil
- Dia do Fico (9 de janeiro de 1822)

Independência do Brasil (1822)

- com o apoio da elite, D.Pedro declara o Brasil independente(7 DE SETEMBRO DE 1822)
- Poucas mudanças após a Independência: permanece a escravidão / monarquia / povo não participou
- apoio da Inglaterra

Primeira Constituição do Brasil: A Constituição da Mandioca (1824)

- voto censitário (por rendas)
- poder Moderador do Imperador (absolutista)

CONTINUA

Independência do Brasil

História da Independência do Brasil, Dom Pedro I, Grito do Ipiranga, 7 de setembro, História do Brasil Império, Dia da Independência, transformações políticas, econômicas e sociais, dependência da Inglaterra no Brasil.



Independência ou Morte : 7 de setembro de 1822 - quadro de Pedro Américo

Introdução

A Independência do Brasil é um dos fatos históricos mais importantes de nosso país, pois marca o fim do domínio português e a conquista da autonomia política. Muitas tentativas anteriores ocorreram e muitas pessoas morreram na luta por este ideal. Podemos citar o caso mais conhecido: Tiradentes. Foi executado pela coroa portuguesa por defender a liberdade de nosso país, durante o processo da Inconfidência Mineira.

Dia do Fico

Em 9 de janeiro de 1822, D. Pedro I recebeu uma carta das cortes de Lisboa, exigindo seu retorno para Portugal. Há tempos os portugueses insistiam nesta idéia, pois pretendiam recolonizar o Brasil e a presença de D. Pedro impedia este ideal. Porém, D. Pedro respondeu negativamente aos chamados de Portugal e proclamou : "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico."

O processo de independência

Após o Dia do Fico, D. Pedro tomou uma série de medidas que desagradaram a metrópole, pois preparavam caminho para a independência do Brasil. D. Pedro convocou uma Assembléia Constituinte, organizou a Marinha de Guerra, obrigou as tropas de Portugal a voltarem para o reino. Determinou também que nenhuma lei de Portugal seria colocada em vigor sem o "cumpra-se", ou seja, sem a sua aprovação. Além disso, o futuro imperador do Brasil, conclamava o povo a lutar pela independência.

O príncipe fez uma rápida viagem à Minas Gerais e a São Paulo para acalmar setores da sociedade que estavam preocupados com os últimos acontecimentos, pois acreditavam que tudo isto poderia ocasionar uma desestabilização social. Durante a viagem, D. Pedro recebeu uma nova carta de Portugal que anulava a Assembléia Constituinte e exigia a volta imediata dele para a metrópole..

Estas notícias chegaram as mãos de D. Pedro quando este estava em viagem de Santos para São Paulo. Próximo ao riacho do Ipiranga, levantou a espada e gritou : " Independência ou Morte !". Este fato ocorreu no dia 7 de setembro de 1822 e marcou a Independência do Brasil. No mês de dezembro de 1822, D. Pedro foi declarado imperador do Brasil.

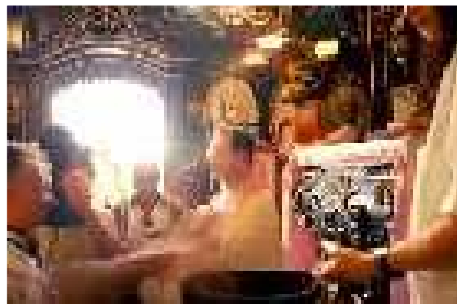
Pós Independência

Os primeiros países que reconheceram a independência do Brasil foram os Estados Unidos e o México. Portugal exigiu do Brasil o pagamento de 2 milhões de libras esterlinas para reconhecer a independência de sua ex-colônia. Sem este dinheiro, D. Pedro recorreu a um empréstimo da Inglaterra. Embora tenha sido de grande valor, este fato histórico não provocou rupturas sociais no Brasil. O povo mais pobre se quer acompanhou ou entendeu o significado da independência. A estrutura agrária continuou a mesma, a escravidão se manteve e a distribuição de renda continuou desigual. A elite agrária, que deu suporte D. Pedro I, foi a camada **que mais se beneficiou**.

Festa da Penha



Maior manifestação religiosa do Espírito Santo e apontada como a terceira maior festa religiosa do país, atrás apenas das comemorações da Padroeira do Brasil “Nossa Senhora Aparecida”, cuja Basílica fica situada na cidade de Aparecida do Norte, no Estado de São Paulo e, do Círio de Nazaré, em Belém no Pará. Nossa Senhora da Penha, padroeira do Estado, tem sua festa em data móvel que ocorre oito dias depois do Domingo de Páscoa, normalmente no mês de Abril.



Principal festa religiosa do Estado do Espírito Santo, reúne grande multidão de fiéis e turistas no convento da Penha e cercanias. No que se refere às atividades religiosas, são celebradas missas no Campinho (no alto da ladeira do convento) e procissão dos homens que, partindo de Vitória, segue em direção ao convento entoando vivas e implorando proteção à Virgem. Recentemente vem se realizando também a procissão das mulheres com saída de Vila Velha para o alto do convento entre outros eventos.



Simultaneamente a festa religiosa ocorre a festa profana, que dura praticamente uma semana. Nela são vendidas comidas e bebidas típicas, roupas, souvenirs em geral, terços, além da apresentação de peças teatrais religiosas, bandas de músicas comuns e religiosas locais e nacionais, artistas, etc. Tudo isso se concentra no Convento e no Parque da Prainha, região no sopé do morro.

OS CUCUMBIS - O Cuncumbi

O cucumbi não passava de uma recordação das festas africanas, é certo mas foi-me impossível conhecer a significação própria do vocábulo. Compunha-se de numeroso agrupamento: uns armados de arco e flecha, capacete, braços, pernas e cintura enfeitados de penas, saiote e camisa encarnada, corais, missangas e dentes de animais no pescoço, à feição indígena.

Outros, porém, trajavam corpete de fazenda de cor, saieta de cetim ou cambraia, com enfeites de velbutina azul e listras brancas, num estilo bizarro, acomodado ao divertimento.

Os instrumentos consistiam em pandeiros, ganzás, checherés ou chocalhos, tamborins marimbas e piano de cuia (cabaça enfeitada com contas).

Os cucumbis ensaiavam as suas diversões em determinados pontos, como fosse: largo da Lapinha, Terreiro de Jesus e largo do Teatro, sob as frondosas cajazeiras que aí existiam.

No trajeto iam cantando:

Viva nosso rei,

Preto de Benguela

Que casou a princesa

C'o infante de Costela.

Respondia o grupo indígena:

Dem bom, dem bom,

furumaná;

Catulê, caia montrué

Condembá.

Além dos instrumentos acima indicados, certos personagens conduziam os seus grimas os quais no final de cada estrofe se cruzavam dois a dois.

O bi iáíá, o bi ióió,

Saravudim, sarami, saradô.

Ao pronunciarem a sílaba dô era o som abafado pelo choque dos grimas, batendo uns de encontro aos outros. Em seguida, davam voltas e trejeitos ao corpo, repetiam o canto e os mesmos movimentos.

Chegados ao ponto determinado, começava a função:

Cum licença auê

Cum licença auê

Cum licença de Zamblapongo,

Cum licença auê.

Em meio da festança, um indígena era acusado de haver enfeitado o guia, que devido a essa circunstância, se achava em estado mortal.

Discutido o assunto com alacridade, o feiticeiro se entusiasma e canta em tom autoritário:

Tu caté gombé

Tu está gombê.

Chaco chaco,

Mussugaué.

O diá sambambê:

Matê, ô matê ô!

Vida ninguém dá.

Compenetrado do seu valor, e solicitado para mudar de resolução, o feiticeiro se delibera a curar o guia, que simula agonizante.

Para isso, no meio de grande algazarra, toma de uma bolsinha e com ele toca levemente as pernas e os braços do doente, dando movimento desordenado ao corpo, entoando cantigas lúgubres. Ao depor a bolsinha ou contra-feitiço nos lábios do guia, este recobra os sentidos, e todos se entregam às maiores expansões de regozijo. Os nacionais se afeiçoaram tanto ao cucumbi que conseguiram imitá-lo vantajosamente, intercalando nos cânticos vocábulos da língua vernácula, sem, contudo, desvirtuá-lo.

Oliveira Lima — No seu livro *Aspectos da literatura colonial brasileira*, à página 101 — descreve uma dessas folganças, no século XVIII, do seguinte modo:

"Andavam as touradas estimadas a par dos sermões, mas a animação do regozijo algum emparelhava-se com a que reinava na festa de São Gonçalo de Amarante, celebrada a pouca distância da cidade (Itapagipe). Nas danças desenfreadas em derredor da veneranda imagem tomava parte o vice-rei, de parceria com os cavaleiros de sua casa, os monges e os negros.

Desapareciam as distinções sociais nessa saturnal cristã, à qual serviam de incomparável cenário as matas frondosas, onde à pálida claridade das estrelas e ao som mavioso das violas o amplexo dos sexos atingia proporções de demência animal.

Três dias acampava o governador do Brasil numa linda parte do bosque e, em sua presença, festivamente alternavam-se, como as copiosas refeições, os hinos sacros e as comédias profanas.



Reisados e Cheganças



Na generalidade das províncias do Norte a véspera de Reis é um dos maiores dias do povo, que recorda com as suas danças, os seus cantos e uma variedade imensa de autos as tradições poéticas dos tempos coloniais. As *cheganças* e os *reisados* no Norte preenchem em muitas localidades as indicações da noite.

Completamente distintos, independentes uns dos outros, esses divertimentos públicos revelam naquela gente uma característica nacional, um sentir à parte, um traço acentuado de diferenciação entre o norte e o sul.

Perguntai por aí alguma coisa a respeito das festas de Natal, e obtereis a seguinte resposta: - "Quem sabe disso são os nortistas".

E que quer isso dizer? Que por perto de quatro séculos o trabalho das raças nesta metade do Brasil apenas serviu de proveito aos senhores e aos estrangeiros, que nos vão reconquistando dia a dia, em barulho, sem matizada.

E tanto estamos na verdade, que a escravidão no Sul foi sempre infinitamente mais bárbara, jamais podendo ser comparado o engenho à fazenda – o Cáucaso e o Inferno dos pobres cativos.

E a nossa poesia popular, derivando do português e do negro, este último elemento aniquilava-se no Sul nas torturas da senzala, no martírio forçado da escravidão.

Daí a tristeza que se nota no mestiço destas bandas do Brasil, o desânimo, o acabrunhamento, em contraposição à alegria franca da mulatada de lá, dos crioulos, reconhecidamente inteligentes, patriotas, inclinados à música, à poesia, às belas artes.

Sendo o nosso povo assim constituído, claramente se vê que os costumes tradicionais daquelas terras são a resultante da liberdade que ali gozavam os escravos, embora restrita, relativa.

Dos reisados e cheganças, a classe popular a que nos referimos e a gente pobre eram e são os donos.

Ninguém há que não se divirta nas províncias, armando presepes, assistindo a serenatas, passando os engenhos ou nos arrabaldes as festas de Natal.

Na véspera de Reis é que a folia recrudescer, e desde o meio-dia começam as cantorias nas ruas e praças, a frequência das multidões aos palanques à porta das igrejas e nos pátios das matrizes.

Eis senão quando, aos pandeiros se arrufam e aos chocalhos que tinem, ouve-se um alarido.

É o *cordão* de marinheiros, que, puxando um navio, conduzindo uma âncora, um mastro, etc., anuncia nas ruas a *chegança dos Marujos*.

Caboclos, cabras, crioulos e pardavascos, lindos, ágeis, vestidos à maruja, fardados, fantasiados com propriedade, incumbem-se de seus papéis, indo desempenhar a *chegança* numa praça.

Imitando o balanço de bordo, seguidos das figuras principais, lá passam cantando uma canção, que prenuncia o combate:

Ó nau-fragata, ó nau-fragata,

Marcha para a guerra!...

É lô...

Se não for por mar

Há de ser por terra!...

É lô...



E o Patrão, o Piloto, o Mar-de-Guerra, o Calafitinho, o *Surjão*, o Padre-capelão, o Gajeiro, o Guarda-marinha, o Capitão, o Rei mouro, o Embaixador, etc., ostentam-se garbosos com as suas vestimentas agaloadas, seus distintivos, seu trajar próprio.

As moças chegam às janelas para vê-los, a meninada chusma a cada canto, o *préstito* popular avulta sempre, cresce por todo o caminho.

O Piloto, com a espada desembainhada, exhibe-se em atitude belicosa, cercado de tocadores de pandeiro, dos outros personagens, da maruja entusiasmada:

Ó nau-fragata, ó nau-fragata,

Marcha para a guerra!...

É lô...

Se não for por mar

Há de ser por terra!...

É lô...

E vão, e vão cantando e tocando, simulando as manobras dos navios, até chegarem a seu destino – aos palanques ou casas para as quais receberam convite – representar os *Marujos* ou os *Mouros*, conforme o terno.

Esses espetáculos principiam e terminam a qualquer hora e repetem-se até o carnaval.

As cheganças podem ser de mulheres. Então as belas tabaroas, vestidas de branco, com chapéus de palha enlaçados de fitas e flores, comparecem nos tablados iluminados, armados, conquistando afetos, palmas, ovações...

E isso bem pode compreender quem uma vez teve a fortuna de admirar aqueles semblantes tisonados, aquelas formas arredondadas, aquelas vozes cadentes como o sussurrar da aragem nas lagoas e nas matas.

E as tabaroas requebram-se nas danças, puxam a fieira, descantam à porfia os versos de Reis, inspirados pelos sertões aos poetas nativos:

CONTINUA

Avistei...
Avistei terras de França,
Avistei!
Em Portugal avistei,
Avistar...

É esta a derradeira cantilena dos marujos encaminhando-se para os tablados que distinguem-se ao longe, resplandcentes de tijelinhhas acesas, de arandelas e de flores selvagens.

Simultaneamente, nas salas dos presépios, nas varandas dos engenhos, o *Reisado do Zé do Vale* é esperado com ânsia, as famílias pra isso preparam abundantes ceias, e a escravatura, ao mesmo tempo que festeja o Natal, batucando e cantando ao fogo das fogueiras, não deixa de aguardar impaciente a Maria Teresa e o Boi, que dançam a encantar.

O Reisado do Zé do Vale é um dos mais graciosos da véspera de Reis.

Variadíssimo em personagens, dialogado, cantado, entremeadado de danças populares, este auto dos nossos sertanejos entretém a noite, não sendo menos original que o da *Cacheada*.

Nos reisados, os violões, rabecas, flautas, pandeiros, cavaquinhos, violas, etc., perfazem a orquestra em afinação alta, em tons transportados ou lisos.

Os lugares das representações já estão previstos, os donos da casa fazem as honras aos seus convidados, o presepe fica aceso, os meninos e as crias despertos.

A um instante a porta da rua fecha-se, ficando as janelas desertas, mas escancaradas.

É isso logo que um clarão esfolha nas trevas rosas de fogo, e umas harmonias e vozes ritmadas entornam-se débeis nos ares longínquos.

E os rumores avolumam-se e o bando chega-se mais perto.

Os figurantes do *Zé do Vale* são a Sereia, a Caninana, o Bezuntão da Lagoa, o Engenho, o velho Tondoró, a velha Tondoró, o Caboclo, a Cativa, o Picapau, o Madu, a Maria Teresa, o Sarameu, a Mariquita, o Zé do Vale, duas irmãs, a Mãe e uma infinidade de tipos extravagantes, não sendo dispensados o Boi, o Vaqueiro, a Caiporinha e outros, que tomam parte na cena, para a conclusão do brinquedo.

Serve de prólogo ao entremês uma tropa de meninas, vestidas de acordo com os seus papéis, que, depois das saudações do estilo, da banda de fora, entram com as figuras do *reisado*, menos o Boi, o Vaqueiro, a Rita Catarina, a Cambrinha, etc.

Logo que a música transpõe os umbrais da sala, os circunstantes arredam-se para os lados, deixando espaço bastante para a exibição folgada da peça.

E o *reisado* principia...

Sereia (*dançando*):

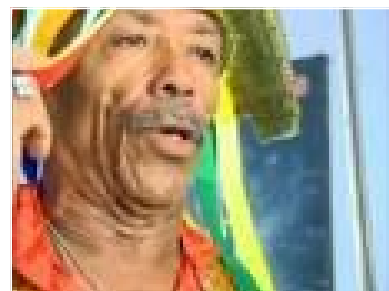
Deus lhes dê boas noites, senhores e senhoras.

Todos

- Bravo da Sereia, como dança bem!

Sereia (*cantando*)

Vocês todos se admiram
De me ver assim cantar,
Quanto mais se vocês vissem
A Sereia lá no mar.



A essas palavras salta no meio o Bezuntão da Lagoa, que é acolhido do seguinte modo:

Coro

O Bezuntão da Lagoa,
Ele é bezuntão!
Quer queiram, quer não,
Ele é bezuntão.

Este personagem, que aparece com um jacaré, provoca o Madu, de cabeça grande, e esperneiam juntos, dançam e retiram-se, entrando após uma menina perseguida por um velho.

CONTINUA

Menina

Quem me dá por aqui novas
De um amor que já foi meu?
Quero saber a quem amo
E que trato foi o seu.

Velho

Aqui 'stá seu menininho
Com todos a *rebolá*,
Quem não gosta disto
Do que gostará? ... (*Dança.*)



Menina

Vá-se embora, *sinhô* velhinho,
E não me venha atentar,
Pois eu sou menina e moça
'Stou no tempo de casar.

Velho

Sou também menino e moço,
'Stou no tempo de pular...

Menina

Vá-se embora, *sinhô* velho,
E não venha me atentar,
Eu gosto dos ioiozinhos
Com dinheiro pra gastar.

Velho

E chegue pra lá,
Qu'eu chego pra cá;
Somos dois amantes,
Queremos *casá*.

A este diálogo cantado sucedem-se outros, que findam com o fadinho, os peneirados, as chulas, **vitoriados** sempre entre gargalhadas dos assistentes.

As figuras, no correr das cenas, vão dando o seu recado, desempenhando seus papéis. O Caboclo, por exemplo, que é o palhaço, jamais retira-se, fazendo momos, dizendo graças.

Reclamados pelo auditório, o Tondoró e a Tondoró apresentam-se, caracterizados **esquipaticamente**, sendo recebidos com uma roda de palmas.

A Tondoró

Marido que Deus me deu...

Coro

Tondoró!

A Tondoró

Marido, chega pra lá...



CONTINUA

Coro

Tondoró!

A Tondoró

Marido, dá cá um abraço...

Coro

Tondoró!

A Tondoró

Olha a cara do assassino...

Coro

Tondoró!

Tondoró

Marido, dá cá **boceta**...

Coro

Tondoró!

E os dois velhos, ao som da chula, sapateiam, palmejam, gritam, dão umbigadas, abaixam-se, levantam-se do chão, requebram-se, fazem proezas, ao entusiasmo frenético da reunião, que desata as mais gostosas risadas.

Pequena pausa, ligeiro intervalo para o afinar dos instrumentos procede a entrada do Zé do Vale, que vem algemado e preso por dois policiais, com o Presidente, o Pai, a Mãe, as duas irmãs, que se agrupam no centro, isolados das demais figuras.

A recepção do Zé do Vale, o herói do *reisado*, é estrepitosa, entusiasta.

A família, vestida como no sertão, o Zé do Vale descalço, de calça arregaçada, chapéu de couro e acorrentado, é empurrado pelos guardas para junto do Presidente.

O Pai, autoridade do lugar, fica surpreendido diante do preso, e diz:

Pai

Grande novidade
Anda por aqui,
É chegado um preso
Lá do Piauí.

Mãe

Sinhô presidente,
Se dinheiro vale,
Tome lá dez contos,
Solte o Zé do Vale.

Presidente

Vá-se embora, dona,
Qu'eu não solto não;
Pois o Zé do Vale
É um valentão.



CONTINUA

As Irmãs

Sinhô presidente
De minha estimação,
Solte o Zé do Vale,
Pela Conceição.

Mãe

Tenho meu cavalo
De estimação,
Pra *seu* presidente
Não tem preço não.

Presidente

Vá-se embora, dona,
Qu'eu não quero não,
Que o Zé do Vale
Tem mau coração,
E fez muitas mortes
Lá no meu sertão.

Pai

Conta lá, meu filho,
Que isto não faz mal,
Como foste preso
No canavial.

Zé do Vale

Ó *sinhô* meu pai,
Capitão-tenente,
Cada pé de cana
Era um pé de gente.

Seria um nunca acabar a reprodução desses versos, desses monólogos, desses diálogos da véspera de Reis nas províncias do Norte.

Aqui são os ranchos dos pastores nas tradicionais serenatas:

Ó de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,
Que das bandas do Oriente
São chegados os três reis...

Ali a chegada dos Marujos no intermédio das lutas com os Mouros:

Entrega-te, rei mouro,
À nossa santa religião,
Que no fundo desta nau,
Há um padre capelão.

E aqui, além, mais longe, a estréia dos *bichos* no tablado dos presepes, o soar dos chocalhos e dos pandeiros, o sinal para a entrada do Boi, que põe remate aos reisados:

Ó ioiô, ó iaiá,
Óia o boi que te dá!...
Ora, entra pra dentro,
Ó meu boi Marruá!...

Fim da festança

(MORAES FILHO, Melo. *Festas e tradições populares do Brasil*)



VAQUEJADAS E CAVALHADAS



Peões e vaqueiros são homens do campo. Podem se diferenciar no sotaque e nas roupas, mas seu trabalho basicamente é o mesmo. No Pampa, o peão de estância é domador. Usa chapéu de abas largas, bota, lenço e espora. Não se separa da chaleira, do chimarrão e do laço. Sob o forte sol goiano ou maranhense, é o vaqueiro se prepara para o mesmo serviço, o qual, para ele, também é diversão.

Depois que o sol se põe, de norte a sul do país, a poesia e a música amenizam a solidão de quem cumpriu uma dura jornada. Para viola ou sanfona, são muitas as melodias inspiradas na vida de quem cuida dos rebanhos. É o caso da célebre "Menino da Porteira", de Sérgio Reis, um clássico da música sertaneja.

Quando se fala nas festas e orações de boiadeiros, porém, não se pode esquecer de seu companheiro de todas as horas: o cavalo. Ele também tem todo o direito de participar delas. São muitas as tradições populares que envolvem o vaqueiro, sua montaria e o gado.

Vaquejadas

As vaquejadas são uma recreação popular tradicional do ciclo do gado nordestino. Têm origem nas viagens de boiadeiros, nas comitivas que levavam o gado e comemoravam o encerramento de alguma etapa de trabalho. Acontecem até os dias atuais, sobretudo no Nordeste: em Pernambuco, na Paraíba; em Alagoas, no Rio Grande do Norte, no Maranhão e no Ceará.

A atividade se desenrola em um circo ou em uma arena fechada, onde peões e vaqueiros mostram sua habilidade com os cavalos e os bois, participando de provas como laçar, apartar e marcar o gado. Mas existem outros atrativos para os espectadores e participantes, como bailes, leilões e exposições de animais.

No mês de setembro, acontece a Grande Vaquejada de Quixeramobim, no Ceará. Vaqueiros de vários estados do Nordeste se reúnem para a grande disputa entre várias duplas de cavaleiros, cujo objetivo é derrubar o boi pela cauda no menor espaço de tempo. A animação fica a cargo de bandas de forró.

Em Pernambuco, as cidades de Caruaru e Surubim apresentam os maiores festejos, com grande participação de repentistas, violeiros e bandas de pifaros. Paralelamente à vaquejada propriamente dita, armam-se parque de diversões e barracas com bebidas e comidas típicas.

Missa do vaqueiro

No município de Serrita, no Estado de Pernambuco, situa-se o Parque Nacional do Vaqueiro (Sítio das Lajes), onde se realiza em julho a Missa do Vaqueiro - uma manifestação de fé católica iniciada pelos companheiros de Raimundo Jacó, vaqueiro nordestino morto em 1954. Trata-se de uma missa ao ar livre, que os fiéis assistem montados em seus cavalos.

Durante a celebração, os vaqueiros ofertam pequenos pertences e peças do vestuário típico, feito de couro cru. Depois, comungam os alimentos cotidianos: carne-de-sol, rapadura e farinha de mandioca. Na sexta-feira que antecede a missa, acontecem vaquejadas, desafios e forrós.

Cavalhadas

As cavalhadas são grandes encenações que lembram as lendárias batalhas medievais de Carlos Magno e os Doze Pares da França contra os mouros. A representação acontece em campo aberto, em uma espécie de torneio onde 12 cavaleiros vestidos de vermelho representando os mouros, e 12 cavaleiros de azul representando os cristãos, se enfrentam.

CONTINUA

O enredo tem várias fases. Começa com a apresentação dos combatentes; a luta com manejos de espadas, lanças e tiros de festim; troca de embaixadas, desafios, pedidos de trégua e, por fim, a conversão e batismo dos mouros. A simulação do combate pode ser feita por os hábeis cavaleiros que fazem evoluções com seus animais ou com cavalos-de-pau enfeitados.

As cavalhadas acontecem de Norte a Sul do país, por vezes integrada a outras festas folclóricas, como Corpus Christi. Uma das mais famosas é a de Pirenópolis, em Goiás, que ocorre simultaneamente à festa do Divino e reúne cerca de 30 mil pessoas. Fazem parte da festa congadas, pastorinhas, dança de fitas, bandas e cavaleiros mascarados com cabeças de bois. Paralelamente, acontecem missas, procissões, há barraquinhas de comes e bebes, queima de fogos e shows musicais.

Existe ainda uma outra modalidade de Cavalhada, com trechos do mesmo enredo. Ela termina, porém, com o jogo das argolas - uma brincadeira genuinamente medieval. No centro do campo coloca-se um suporte de madeira, em que pende uma argola de metal presa por um cordão. Os cavaleiros devem passar galopando e tirar a argola do suporte com a ponta de uma lança.

Rodeios

Em algumas cidades, os rodeios substituíram as cavalhadas. Atualmente, porém, seguem o estilo norte-americano. Nos últimos anos, tornaram-se cada vez mais populares, em especial no interior paulista. São a principal atração das festas de peão de boiadeiro. Em São Paulo, a mais famosa acontece em Barretos, no mês de agosto.

Começa com a "queima do alho", numa referência às paradas para refeição das tropas, e segue com apresentações de grupos folclóricos e provas eqüestres. A Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos nasceu em 1955 e foi realizada no ano seguinte embaixo de uma de lona de circo. Houve desfile de carros de bois, disputas no pau de sebo e conjuntos de violeiros. Em 1989, inaugurou-se o Estádio de Rodeios, projetado por Oscar Niemeyer, com capacidade para 35 mil espectadores sentados.

Cavalgadas

Cavaleiros também se reúnem ou marcham com finalidade religiosa ou por lazer. Por todo o Brasil, numerosas romarias a cavalo ocorrem regularmente rumo aos tradicionais centros de peregrinação das diversas regiões. Algumas chegam a reunir mais de 1500 participantes.

As cavalgadas apresentam um nível de organização hierarquizado, conservando traços de origem medieval. Seus integrantes, cavaleiros e amazonas de todas as faixas etárias e classes sociais, participam com devoção das festas em homenagem aos santos (São Benedito, São Jorge, Nossa Senhora Aparecida, etc.), programadas durante o ano todo e em algumas cidades com o mesmo formato dos primeiros anos da colonização.



CONGADAS

*"Traz aqui maracatu nossa escola
Do Recife nos trazemos com alma
A nação maracatu nosso tema geral
Vem dos negros essa festa de reis."
Reis e rainhas do maracatu*



(Milton Nascimento, Novelli, Néelson Ângelo e Fran)

Trataremos aqui das congadas ou congos a partir das informações do folclorista Luis da Câmara Cascudo, de Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga e José Ramos Tinhorão. Para Luis da Câmara Cascudo as congadas são danças que apresentam episódios sucessivos. Pode-se claramente atribuir a elas a denominação de autos em cuja representação ocorrem dois grandes motivos:

- coroamento dos Reis do Congo, cerimônia nas igrejas, cortejo, visitas protocolares às pessoas importantes;
- sincretismo de danças guerreiras africanas, reminiscências das regiões de onde veio grande parte da escravidão, no caso do Brasil.

O mestre potiguar afirma que a folgança era muitíssimo apreciada pelos negros, pois em algumas províncias, uma vez anunciada a autorização pelo chefe de polícia local, o alvoroço era generalizado. Para os festejos os senhores eram tolerantes e davam um dia inteiro de liberdade. Na descrição do referido mestre, vinham o Rei e a Rainha receberem das mãos do vigário a coroa que ia efetivamente instituir a condição de régulo para ambos. O evento ocorria depois da missa e em seguida acontecia outra festa, sendo esta de caráter profano, onde se dançava o samba de roda e o coco.

As congadas se difundiram muito no Brasil, possibilitando um amplo leque de diferenciação. O enredo, por exemplo variou muito de uma região para outra, mas segundo Cascudo predominava a história de uma embaixada de uma rainha chamada Ginga, que era expandida ao encontro do Rei Cariongo que se encontra com seu filho, o príncipe Sueno, assistindo a bailados. O embaixador é recebido e toma parte das danças mas traz consigo o desejo de matar o rei. Suas más intenções são descobertas e sua morte é impedida pelo príncipe que propõe que ele seja perdoado. Concomitante ao perdão o príncipe o desafia a um duelo no qual é vencido e todos são levados à presença da rainha ginga.

Em muitas regiões, afirma Câmara Cascudo, não há menção a personagem da referida rainha. De todo modo, por se constituir de personagem histórico de muita importância para vários povos bantus no que diz respeito à resistência militar africana na região do Congo, a referência a seu nome está naturalmente, segundo o escritor, investida de um grande valor simbólico. (Cascudo,1984:417 a 420).

No verbete "congós" do Dicionário Musical Brasileiro, Mário de Andrade descreve as congadas de modo muito próximo a descrição de Cascudo. Assinala no entanto uma divisão em duas partes a saber, a primeira constituída de um cortejo real na qual o rancho dança nas ruas ou na frente das igrejas e a segunda, a embaixada, que representa uma embaixada, geralmente de guerra, que vem ao encontro do rei do congo. Afirma que do ponto de vista musical as duas expressam diferenças, sendo que na primeira há um maior número de cantos e louvações.



No capítulo dedicado aos congós e congadas no seu livro Música Popular Brasileira, Oneyda Alvarenga destaca o fato do aproveitamento pelas congadas de material tomado de empréstimo de bailes originários de Portugal e Espanha. Afirma que a primeira notícia que se tem de congada realizada no Brasil de forma documentada data de 1760, contida na relação dos festejos do casamento de D. Maria I, rainha de Portugal. Destaca três tipos de congadas, a saber: a) simples cortejo real com cantos e danças representando combates;

- cortejo real com embaixada de paz;
- cortejo de guerra, a que se segue uma embaixada de guerra.

Segundo Alvarenga esse terceiro tipo "é o mais rico em reminiscências históricas e costumes dos povos conguenses" (Alvarenga,1982:104), que permaneceram inconscientes na memória popular, é também esse terceiro tipo o descrito anteriormente por Cascudo.

CONTINUA



Alvarenga assinala também que nos cortejos são cantados cantos de marcha, cantigas, louvações religiosas de fundo católicos, canto de trabalho e louvações em que "o fundo fetichista se mistura ao catolicismo aparente" (Alvarenga,1982:104). É também registrada pela pesquisadora a ocorrência de reminiscências de histórias como a de Carlos Magno e os doze pares de França. Sobre isso nos conta uma interessante história. Não é incomum também a ocorrência de personagens do romance da Nau Catarineta, bem como algumas vezes o inimigo do rei do congo são os mouros.

Do ponto de vista musical é mencionada, quanto à questão instrumental, a presença predominante dos instrumentos de percussão. Mas ocorre também a presença de violas, e em uma das congadas presenciada pela pesquisadora foi observada a participação de um violino "de som frágil e fanhoso", e de aparente construção artesanal. O mesmo era tocado "encostando-o parte no braço esquerdo pouco levantado e parte no peito", forma de tocar muito comum entre os tocadores populares de violino (rabeça), e que nos remete aos tocadores de vielas medievais. Sobre as melodias ela nos informa que em nada lembram à melódica africana. Salvo em alguns exemplos colhidos por Mário de Andrade, onde se detecta uma estruturação melódica baseada na escala pentatônica. Afirma que escalas desse tipo são muito usadas no continente africano e bastante comuns nas músicas dos rituais afro-brasileiros.

A abordagem de José Ramos Tinhorão se direciona muito para o campo da abordagem sociológica. Nela podemos divisar claramente como os folguedos populares, e mais precisamente as que foram gestadas dentro das irmandades católicas destinadas aos homens e mulheres de cor, representaram um aspecto de ocupação dos espaços sociais, a partir da elaboração dos seus brinquedos, que representavam, em última análise uma espécie de negociação simbólica entre esses contingentes e o poder colonial.

Discordando de Oneyda Alvarenga quanto ao registro da primeira congada no Brasil, Tinhorão recua até 1711 para identificar, a partir do levantamento feito pelo folclorista pernambucano Pereira da Costa, a primeira coroação do rei de congo no âmbito da irmandade de Nossa Senhora do Rosário na vila de Igarçu em Pernambuco. Recua ainda mais um pouco para o final do século XVII, as notícias das primeiras manifestações de coroação de reis, mas desta feita com a menção de reis de Angola, ao invés de reis do Congo. Podemos entrever na leitura dos textos de Tinhorão, duas focalizações distintas do mesmo evento. A coroação dos reis de congo serviu do ponto de vista dos portugueses como estratégia tanto de evangelização, para a igreja, como de acomodação das massas escravas a essa condição, para o poder secular, como, por outro lado, também serviu de possibilidade para que os negros pudessem atualizar suas memórias, e constituir com isso índice de uma produção identitária.

As embaixadas, junto de contato diplomático quando da necessidade do mesmo. Tinhorão conta em um de seus textos sobre o assunto (Tinhorão,1988:106) que em 1642 a corte de Maurício de Nassau, então estabelecida em Pernambuco, recebeu a visita de uma dessas com os cortejos parte integrante das festas de coroação dos reis do congo, eram já praticadas pelos reinos do congo como forma cortes africanas, sobre a qual se narra o caráter teatral que revestia essa solenidade. Para Tinhorão era a menção a essas festas que os negros, estavam aludindo quando, ainda em território português puderam executar as festas de coroação dos seus reis simbólicos. A permissão para a realização dessas festas fazia parte de uma estratégia de controle social desses contingentes exógenos (que se praticam fora do corpo). Segundo Tinhorão a documentação é precária, mas é possível entrever as intenções de controle do poder lusitano, através de documentação de fatos ocorridos em território espanhol. Assim ele se refere:



"Sabe-se que por despacho de 11 de novembro de 1478 os reis católicos Fernando e Isabel já concediam a um negro de Sevilha, chamado Juan de Valladolid, o título de *mayoral*, o que lhe conferia a responsabilidade sobre o comportamento social dos negros cativos e forros da cidade" (Tinhorão,1988:100)".

Efetivamente, segundo o pesquisador, Portugal e Espanha eram, a altura da metade do século XV, os maiores entrepostos de escravos da Europa. Configurava-se nesse quadro, portanto, a necessidade do controle social desse contingente. A ineficiência da repressão nos moldes tradicionais, atestada segundo o autor pela quantidade de normas que regulavam a vida dos escravos, apontava para soluções menos ortodoxas como a de outorgar poder de polícia aos próprios escravos, aproveitando para isso, a autoridade moral e simbólica do rei do congo, sobre os governadores e chefes subordinados a ele.

Diante desse fato podemos ser tentados a pensar que os negros foram manipulados no sentido de colaborar com o processo de controle social, assumindo assim uma postura ingênua. Mas, por outro lado, podemos ver no episódio uma forma de determinados indivíduos ascenderem socialmente e de se tornarem representantes de seus grupos, agindo como intermediários. Sem contar com o fato do espaço permitido para a projeção simbólica de suas práticas culturais e celebrações, muito importantes para suas afirmações no conjunto mais amplo da sociedade.



**Nosso próximo passo é conhecer
Música de raiz.**

Estudem bem

Porque música não é somente aprender a tocar algo!

Música é:

História e Arte

Projeto:

“Formiguinhas do Vale”

Filipe de Sousa

Editoraçãõ: João Filipe Frade de Sousa

Entidade: Formiguinhas do Vale

Projeto: Iniciação Cultural e Musical

Pesquisas: Fundação Cultural Cassiano Ricardo
Secretaria de Estado da Cultura (São Paulo)
Biblioteca Nacional
Site: www.abacai.org.br
Museu do Folclore (São José dos Campos)

Agradecimentos:

Fundação Cultural Cassiano Ricardo
Abaçai Cultura e Arte-Organização Social de Cultura
Elizabete Rubio
Rita de Cássia Aguiar Silva Lousada
Ângela Sabastano

Patrocínio

Patrocinador

Uma empresa comprometida com a Educação